

Casos e experiências com a mediunidade

Paulo R. Santos

SUMÁRIO:

- Ao leitor.....
- Dedicatória.....

I Parte

- Mensagem: Quando o médium é você.....
- 1 – O estrangeiro que despertou no Brasil após a desencarnação
- 2 – O caso do morto por queimaduras e os efeitos físicos
- 3 – Dois ricos disputam a posse da riqueza
- 4 – Cura espiritual de um membro da equipe
- 5 – O líder da colônia – de perseguidor a auxiliar
- 6 – Reuniões mediúnicas no Mundo Espiritual
- 7 – Atividades da equipe durante o sono
- 8 – Encarnados no vale dos “perdidos”
- 9 – Encarnado em missão de salvamento no Umbral
- 10 – Desmantelamento de colônias no Umbral
- 11 – Cura de desconhecidos à distância
- 12 – Desobsessão incompleta ou mal sucedida
- 13 – Reuniões de médiuns em desdobramento para atividades na própria casa espírita
- 14 – O centro espírita como casa transitória para Espíritos enfermos
- 15 – O caso do escravo
- 16 – Pais e mães... e os filhos que ficam

II Parte

- Mensagem: Começo mediúnico.....
 - Considerações sobre os médiuns e a mediunidade.....
-

Ao leitor

Uma das atividades espíritas mais ricas em experiências tem sido as sessões de desobsessão, ou seja, aquelas destinadas a encaminhar Espíritos em sofrimento para instituições espirituais apropriadas, após entendimentos que visam despertar o ser para a necessária melhoria de sua vida e prosseguimento da jornada evolutiva e, principalmente, na ingente tarefa de persuadir homens e mulheres que optaram - por várias razões – trilhar os descaminhos da vida mesmo no Invisível.

Os relatos que se seguem são experiências verídicas, vividas por uma equipe de desobsessão ao longo de mais de quinze anos, durante os quais muito se pode fazer, com maior ou menor sucesso, dependendo de cada caso, mas sempre constituindo experiências que impressionam pela variedade, e

possibilidades dos caminhos a serem seguidos após o abandono do corpo carnal, qualquer que seja a etnia, classe social, idade ou sexo.

Nota-se sempre o relevante papel que a religião, reflexo do inato sentimento de religiosidade que cada um de nós possui, nos caminhos e escolhas durante a vida física e principalmente seus reflexos além-túmulo.

Religião que se expressa em temores ou esperanças, em sofrimentos ou alegrias, em reencontros felizes ou perseguições motivadas pelo ódio e pelo desejo de vingança, geradas pelos desatinos cometidos quando ainda na vida corpórea.

O leitor ou leitora saberá, certamente, tomar as descrições a seguir como experiências paralelas às suas próprias, cada uma delas única em sua história, mas que podem ajudar a compor o mosaico da Vida, antes, durante e após a desencarnação.

Amor e ódio, dois lados de uma mesma moeda. Seres que se aproximam ou se procuram, ou porque se amam ou porque se odeiam. A presença de Deus, manifestada através dos benfeitores espirituais sempre atuantes e resguardando os envolvidos até os limites das próprias capacidades, mas sem jamais ir além daquelas fronteiras impostas pelo direito de escolha e responsabilidade pelas conseqüências dos próprios atos. Afinal, tudo são experiências e a vida prossegue, infinita, em direção a Deus.

Experiências valiosas na vida de todo e qualquer ser humano que tenha passado por situações parecidas. Altos e baixos na vida, que nos ajudam a alargar nossos conceitos de liberdade, de tolerância, de compreensão para com o próximo que caiu no caminho da própria busca espiritual. Paradas para retomar o fôlego e depois prosseguir.

Por outro lado, a alegria de compartilhar das vitórias de antigos perseguidores sobre seus próprios impulsos e desejos. Daqueles que de perseguidores endurecidos se convertem em protetores ou auxiliares, exercitando o amor e a compreensão, a partir da compreensão das origens dos próprios sofrimentos e, portanto, também das dores alheias.

Momentos sublimes e outros dolorosos que dividiremos com o nosso leitor, esperando contar com sua compreensão quanto à pobreza da linguagem humana e do próprio autor, no esforço de descrever momentos da vida, emoções e experiências intransferíveis, que as palavras apenas retratam de forma muito pálida.

Contamos também com sua compreensão no que diz respeito ao relato em si, que procuraremos fazer do modo mais fiel possível, buscando as informações nos arquivos da memória, ressaltadas as lacunas produzidas pelo tempo e até, quem sabe, pela interpretação que daremos aos casos aqui descritos.

Sabemos de antemão que o leitor entenderá o porquê da omissão de nomes, datas e lugares, em respeito aos envolvidos, sejam encarnados ou desencarnados. Acima de tudo, vale a experiência para estudo e reflexão.

Enfim, o presente relato tem a finalidade única de somar mais algumas experiências às muitas já conhecidas do leitor através da literatura espírita ou da vivência pessoal, para efeito de comparação e alargamento das possibilidades nesse campo ainda vasto e aberto para pesquisa, que é a mediunidade.

O autor

Dedicatória

Aos amigos e companheiros de reuniões mediúnicas, Harley Xavier, Jesu Maia, Araci Oliveira e Vera Coutinho, e a todos os demais que deixo de citar para não tornar essa dedicatória demasiado longa, mas que foram igualmente importantes no compartilhar experiências e aprendizado.

A Claudemir Desto, irmão de ideal que se dispôs a fazer uma primeira leitura, apontando aspectos importantes para a melhoria do livro.

Ao prezado Geziel Andrade, pelas oportunas considerações.

O autor

.....

I Parte

Quando o médium é você

Veja o que Kardec diz: “O pensamento do Espírito encarnado age sobre os fluidos espirituais como também o dos Espíritos desencarnados; transmite-se de Espírito a Espírito, pela mesma via e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos circundantes.”

Ora, você não manipula os fluidos como manipula um líquido ou uma massa; na verdade, você trabalha sobre eles com o pensamento. Os Espíritos evoluídos, ao simples toque do pensamento, transformam os fluidos e dão-lhes as qualidades que desejam.

Eles conseguem isso pelo fato de terem avançado, evoluído. Você poderá conseguir muitas coisas se se dispuser a isso.

Como? Procurando disciplinar-se mentalmente; desejando, intensamente, realizar algo em benefício do próximo; acreditando que é realmente capaz. Se fizer isso, além de poder realizar por você e pelos outros alguma coisa, contará ainda com a presença dos Espíritos.

Como você já sabe, os seus fluidos e os fluidos deles, Espíritos, se somarão e serão ainda mais fortes para ajudar.

Não é por outra razão que muitas pessoas, depois de um bom preparo, conseguem assistir espiritualmente outras, ou seja, se transformam em passistas. Elas não são aqueles médiuns especiais, não vêem nem ouvem os Espíritos, não psicografam nem pintam, mas sabem que são médiuns na acepção geral, como todos são, e com isso se postam a ajudar.

Há pessoas, até mesmo, que nada sabem do Espiritismo, que jamais estudaram os fluidos, enfim, que nunca ouviram falar da influência dos Espíritos sobre nós, mas que, por sua natureza e pela grande vontade, firme mesmo, de ajudar, conseguem fazer coisas maravilhosas.

(Do livro: *Você e os Espíritos- 1ª Edição – Wilson Garcia; Editora EME*)

1 – O estrangeiro que despertou no Brasil após a desencarnação

*“O meio no qual se encontra o médium, exerce alguma influência sobre as manifestações? R. Todos os Espíritos que rodeiam o médium o ajudam no bem como no mal.”
Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. XXI, q. 231;1*

Um das experiências mais interessantes que pudemos viver, junto aos companheiros de atividades nas sessões da casa espírita que freqüentamos por longos anos, foi essa de um estrangeiro ter o seu despertar na vida espiritual ocorrido em terras brasileiras.

O caso se deu inesperadamente, quando após os procedimentos habituais de abertura e harmonização da sala na qual seria realizada a reunião, e após alguns atendimentos mais comuns, como a recém-desencarnados em hospitais ou residências, e que receberam uma primeira orientação sobre seu novo ambiente, apresenta-se um Espírito, masculino e com sotaque espanhol, balbuciando coisas como quem despertasse de um sono profundo e reparador.

Ao ouvir a voz do dirigente da reunião, começou a responder vagamente às perguntas um tanto triviais que lhe eram feitas, tais como:

- Como se sente? Alguma dor ou incômodo?
- Você sabe onde está?

A essas perguntas ele respondia ainda lentamente, mas com recuperação bastante rápida em relação a outros casos. Aos poucos ele passou a fazer perguntas sobre onde se encontrava, quem era aquele com quem conversava etc. Instado a explicar o que lhe ocorrera, disse lembrar-se de um mal-estar súbito e depois mais nada. Sentia-se como se a cabeça estivesse oca, mas sem maiores desconfortos físicos ou emocionais.

Prosseguindo na entrevista que visava levá-lo a dizer mais de si mesmo, fomos compreendendo tratar-se de um Espírito com boa condição espiritual. Perguntou onde estava e lhe foi informado tratar-se de uma instituição espírita. Disse já ter ouvido falar em Espiritismo, mas apenas isso. Perguntou por que estava ali, e lhe foi dito que para uma ligeira conversa sobre o inevitável momento em que cada ser encerra sua passagem pela Terra e toma outros rumos, em outros mundos.

Percebendo a alusão à morte, perguntou sem rodeios se isso já lhe tinha acontecido e se fosse verdade, como ainda pensava, sentia e falava como antes? O orientador convidou-o a olhar em volta e

descrever o que via. Mencionou ter dificuldades em enxergar com clareza, mas via e ouvia pessoas que lhe falavam em seu idioma, o espanhol, e outras que falavam português. Perguntou por que isso acontecia.

Nesse momento, a intuição sobre o caso, somada a um ligeiro comentário de um médium vidente deixou a questão mais clara. Ele fora um bom homem em sua terra natal, teve seus méritos, uma vida digna apesar de nunca ter se ligado a nenhuma religião em especial.

Sempre sonhara em vir para o Brasil, algum dia. Fatores por nós desconhecidos haviam impedido nosso visitante de realizar seu sonho, mas como nada fica sem o conhecimento de Deus e dos Amigos Espirituais, essa surpresa lhe fora reservada para logo depois da desencarnação.

Abriu os olhos espirituais e pode sentir o ambiente das terras que desejava conhecer quando ainda na vida material. Comoveu-se muito quando tomou ciência do momento que experimentava.

A seu modo, agradeceu ao Criador de todas as coisas, pelo auxílio recebido e disse não estar assustado com a morte ainda recente. Sentia-se relativamente bem e claramente feliz pela surpresa.

Surpresos ficamos nós ao perceber até que ponto chega a misericórdia de Deus, que realmente sabe de cada folha de árvore que cai. Nosso visitante seguiu feliz para as paragens espirituais a que tinha direito, na companhia de seus amigos e patrícios.

Essa experiência, apesar da distância no tempo, marcou muito os que dela compartilharam, pois deixara bem claro que nossos anseios mais íntimos, nossos desejos mais recônditos são do conhecimento do Pai e daqueles amigos que, do “lado de lá”, nos aguardam o retorno à vida verdadeira, sempre com a esperança que retornemos vitoriosos sobre nós mesmos e em condições de prosseguir a jornada evolutiva.

2 – O caso do morto por queimaduras e os efeitos físicos

“A produção do fenômeno prende-se à natureza especial do médium, e poderia se produzir por outros médiuns com mais facilidade e prontidão?”

R. A produção do fenômeno prende-se à natureza especial do médium, e não poderia se produzir senão com naturezas correspondentes; pela prontidão, o hábito que adquirimos, correspondendo, freqüentemente, com o mesmo médium, nos é um grande socorro.”

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. V – q. 99;3

Dentre os acontecimentos mais inesperados encontram-se, sem dúvida, aqueles fenômenos de efeitos físicos, sempre impressionantes, pois afetam diretamente nossos sentidos materiais, afastando eventuais dúvidas a respeito, ressaltados os casos de confundir-se ruídos, odores, luminosidades etc., que podem ocorrer inadvertidamente no ambiente mediúnico.

Um caso interessante aconteceu, certa vez, numa reunião da qual participava excelente médium, quase completamente inconsciente dos acontecimentos durante sua ocorrência.

Nessa sessão, foi trazido um Espírito bastante alquebrado e confuso. Gemia muito, dizendo sentir dores horríveis e pedindo que apagassem as chamas que lhe tomavam todo o corpo.

Incorporado no médium que lhe traduzia e partilhava, naquele momento, os sofrimentos, deu-se imediato atordamento, pedindo aos demais participantes da sessão para que elevassem seus pensamentos e sentimentos às esferas superiores, intercedendo por aquela criatura que tanto sofria, sem a menor noção de sua atual situação de “morta”.

Na conversa, iniciada com exortações de calma e paciência enquanto o socorro lhe era prestado, apagando as chamas que ele ainda sentia por força do doloroso processo de desencarnação e fixação mental.

Notava-se seu empenho em atender aos apelos e orientações do dirigente, enquanto encarnados e equipe socorrista espiritual agiam em seu favor. Durante os minutos que se seguiram, um forte cheiro de coisa queimada passou a ser percebido pelos presentes. Cheiro de carne queimada.

Ficava assim perceptível a có-participação do médium no processo, quando o ectoplasma de suas células carnis funcionavam como uma espécie de “reagente” para a depuração perispiritual do desencarnado em estado de intenso sofrimento. Possivelmente, as vibrações de baixo teor, geradas pela sensação de dor, eram assimiladas pelo médium através de seu organismo. Intermediava, ainda, as orientações possíveis e cabíveis naquele momento.

De imediato, o dirigente procurou averiguar se o odor vinha de outro ambiente ou da vizinhança, pelas janelas ou portas, quem sabe, sem interromper o atendimento. Constatando que era um fenômeno de efeito físico, confirmado pelos outros médiuns presentes, o Espírito em atendimento foi lentamente conduzido ao sono reparador, após os passes e palavras de reconforto, que lhe serviram como processo de sugestão

mental e com o objetivo de levá-lo a adormecer e aguardar, confiante e sob os cuidados dos enfermeiros espirituais, seu despertar em local apropriado ao seu caso, para tratamento e recuperação.

Não era um caso que se pode chamar efetivamente de obsessão, como o leitor pode depreender, mas um caso de desencarnação dolorosa, com repercussões mentais e perispirituais que demandavam os recursos de um encarnado, de modo a drenar as energias de baixo teor do perispírito do recém-desencarnado, além de proporcionar-lhe energias (ou fluidos) mais próprios ao seu caso, pela sua relativa proximidade da vida e dos processos vitais dos encarnados.

Situações semelhantes exigem certa rapidez no atendimento, pois o médium, sentindo as repercussões dolorosas do desencarnado, sofre com ele, desgastando-se também. O encaminhamento aos postos de socorro espirituais deve ser realizado o quanto antes e o médium, em geral, precisa de algum tempo a mais para recuperar-se.

Situações dessa natureza demonstram a necessidade das sessões realizadas por encarnados, pois somente estes têm, em seu corpo carnal, os fluidos apropriados a determinados estados doentes dos desencarnados.

Se assim não fosse, o socorro poderia ser prestado diretamente pelos Benfeitores Espirituais e sem o auxílio dos médiuns e demais membros das sessões mediúnicas. Menos ainda de locais adequados na esfera material.

Sem dúvida, são inúmeros os casos de socorro espiritual nos quais a participação direta dos encarnados pode ser dispensada mas, com certeza, esse intercâmbio favorece o crescimento e mútuo aprendizado espiritual, propiciando regular aproximação entre o Visível e o Invisível.

3 – Dois ricos desencarnados disputam a posse da riqueza

“A influência das pessoas presentes, contribui com alguma coisa?

R. Quando há incredulidade, oposição, podem nos incomodar muito; gostamos bem mais de fazer nossas provas com os crentes e pessoas versadas no Espiritismo; mas não quero dizer que a má vontade poderia nos paralisar completamente.”

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. V – q. 99;4

Curioso caso ocorreu em determinada noite quando, contrariando os procedimentos habituais da equipe de médiuns, logo que um Espírito se manifestou com queixas e reclamações através de um dos médiuns, outro “incorporou” em outro membro da equipe e passaram a se falar, trocando acusações.

Apesar do inusitado, tal coisa acontecia, sem nenhuma dúvida, com o consentimento e supervisão dos orientadores espirituais da equipe. Todos se postaram de acordo com o que exigia a situação, deixando ao dirigente encarnado a incumbência de intermediar o litígio, cuja origem era uma caixa que supostamente continha valores e que cada um dos litigantes reclamava para si, acusando o outro de furto.

Deixou-se a conversa entre os dois prosseguir por alguns minutos, enquanto o dirigente tomava conhecimento dos detalhes através desse diálogo pouco amigável, ao mesmo tempo que lhe vinham à mente, por intuição dos mentores, as linhas gerais do caso.

Em momento oportuno o dirigente interveio e pediu silêncio aos dois, solicitando a ambos que respeitassem o local e as pessoas presentes, e que se explicassem com mais calma, após ouvi-lo. O orientador encarnado recebeu a intuição de “confiscar” provisoriamente a caixa e informar aos dois tal procedimento, até que se apurasse a quem de fato aqueles valores pertenciam.

Os dois envolvidos concordaram com o suposto confisco, e consentiram em refletir sobre a própria situação. Foi-lhes recomendado olhar em volta, com atenção, ouvir o que se dizia, procurar reconhecer o ambiente e, finalmente, a descrever o que percebiam. Mencionaram que o ambiente embaçado se iluminava um pouco mais. Pediu-se a eles que prestassem mais atenção por que logo pessoas amigas se aproximariam para falar-lhes.

Aos poucos foram percebendo sua condição de desencarnados e vendo, cada vez mais claramente, o ambiente em que estavam. Chegaram a comentar a presença de muita gente doente. Foram esclarecidos de que o local era uma espécie de pronto-socorro espiritual que atendia a eles naquele momento e também a outros que igualmente sofriam, mesmo que de outros males.

Finalmente, foi perguntado a eles se queriam a caixa de volta. Olharam para um ponto fora do alcance de nossos olhos, e perguntaram porque a caixa se transformara em algo como lama. Explicamos que se tratava de uma fixação mental que ambos alimentaram por longo tempo, em disputa por algo que ficara na Terra.

Um tanto constrangidos, agradeceram e despediram-se acompanhados de enfermeiros da Espiritualidade que os encaminhariam aos locais de recuperação e esclarecimento de que necessitavam.

Eis um ótimo exemplo do quanto podemos ser enganados pelos desejos e ambições que carregamos conosco pela vida afora. Um objeto, algo que prezamos muito enquanto estamos na Terra, uma jóia ou coisa assim, torna-se real e relativamente permanente na vida extra-física.

Daí a importância do desapego aos bens materiais, sejam objetos ou valores, mesmo pessoas, pois tudo que é material é também transitório, apesar de podermos criar na vida no Invisível praticamente tudo que prezamos, na condição de fixação mental.

4 – Cura espiritual de um membro da equipe

“Se a visão dos Espíritos é inconveniente, porque é permitida em certos casos?”

R. É para dar uma prova de que não morre tudo com o corpo, e que a alma conserva a sua individualidade depois da morte. Essa visão passageira basta para dar prova e atestar a presença de vossos amigos perto de vós; mas não tem os inconvenientes da permanência.”

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. VI – q. 100;8

O dirigente da reunião havia feito uma viagem a outra cidade durante um inverno excepcionalmente frio. Lá, em virtude de fortes ventos gelados, contraiu uma infecção no ouvido direito, já portador de leve anomalia em virtude de doença ocorrida na infância.

Na reunião mediúnica da semana seguinte decidiu (ou foi levado a decidir) ficar junto aos demais membros da chamada “sustentação vibratória”, passando a direção dos trabalhos daquela noite a um auxiliar.

Isso não era incomum, pois se considera prudente ter mais de um “doutrinador” para as sessões, justamente para os casos de impossibilidade de dirigir adequadamente a reunião por uma razão ou outra.

O revezamento também é uma atitude prudente e garante a sessão, ampliando-lhe as possibilidades, pois cada orientador encarnado possui qualidades e habilidades próprias, mais adequadas a certos casos que a outros.

Nessa ocasião, outro fato inesperado aconteceu. Com as atividades de atendimento aos desencarnados já em andamento, o dirigente que pediu para ser substituído naquela noite passou a perceber o ambiente espiritual mais próximo de si.

Notou que alguém vestido com um jaleco branco aproximava-se com um bandeja que continha instrumentos cirúrgicos. Deu para perceber um pouco da vestimenta que ele usava por baixo do jaleco.

Aquietou-se, atendendo a comando mental externo e sem voltar o rosto para o lado onde se encontrava a bandeja, “viu” ou “percebeu” que remexiam em seu ouvido doente com uma pinça e um chumaço de algodão ou algo parecido.

Via a mão do médico ir e vir da bandeja até que o tratamento foi encerrado e a bandeja afastada. Enquanto isso, o trabalho de desobsessão transcorria normalmente. Fato indiscutível é que desde essa ocasião o ouvido do doutrinador nunca mais apresentou problemas, apesar dos anos que já transcorreram desde esse episódio e dos muitos invernos e ventos frios que se seguiram.

Esse caso nos pareceu uma vidência induzida, provocada pelos Espíritos com finalidades de treinamento do dirigente que só muito esporadicamente tem o fenômeno da vidência. Naturalmente, a cura visava também livrar o membro da reunião de um incômodo físico que o acompanhava desde a infância.

5 – O líder da colônia – de perseguidor a auxiliar

“O acesso às reuniões sérias está interditado aos Espíritos inferiores?”

R. Não, algumas vezes aí ficam, a fim de aproveitarem os ensinamentos que vos são dados; mas se calam como estouvados em assembléia de sábios.”

A. Kardec, O livro dos médiuns – Cap. XXI; q. 231;4

Uma das experiências que mais impressionam é o contato regular e prolongado com comunidades situadas em zonas inferiores do Mundo Espiritual. Numa dessas oportunidades, os mentores alertaram, através dos médiuns da equipe de desobsessão, que seria iniciado um trabalho que exigiria cuidados dobrados por parte dos encarnados envolvidos.

Explicaram tratar-se de uma verdadeira “operação desmonte” de uma colônia liderada por Espíritos fracassados em atividades religiosas, e que procuravam manter o conhecimento espiritual distante das pessoas, além de manterem cativas um número considerável de almas adoentadas e sem compreensão da vida extra-corpórea.

Preveniram que seria um trabalho longo, e naquela ocasião não se imaginava que duraria cerca de um ano e meio. Deram orientações gerais sobre o que se pretendia e o que se esperava de cada membro da equipe. Poucas semanas depois o trabalho de desobsessão teve início.

Durante semanas seguidas foram trazidos desencarnados semi-enlouquecidos ou alheios à própria condição. Depois vieram outros, mais lúcidos, que comentavam suas dificuldades para sair da situação em que se encontravam. Eram seres resgatados pelos socorristas da Espiritualidade, às vezes com o auxílio de membros da equipe à noite, após a sessão e durante o sono do corpo.

Aos poucos, alguns líderes dessa colônia passaram a comparecer às reuniões, sendo percebidos pelos médiuns. Mantinham as cabeças cobertas com um capuz e pouco se aproximavam, mantendo-se à distância, apenas observando. Esse silêncio não deixava de causar certa inquietação aos médiuns, apesar da certeza da supervisão espiritual em todo os momentos.

Com o tempo e o progressivo resgate dos seres mantidos naquela comunidade, os líderes passaram a manifestar-se através da psicofonia, fazendo veladas ameaças aos presentes, jamais perdendo a frieza e o autocontrole. Diziam já conhecer bem nossos métodos de persuasão e que eles seriam inúteis contra eles.

Recebiam a argumentação cabível em cada oportunidade e a informação de que não se pretendia coagir ninguém a nada, apesar de sabermos que estavam agindo na direção oposta aos ensinamentos cristãos que diziam ter recebido.

Pedia-se que participassem mais da reunião, na condição de observadores, verificando por si mesmos se a atuação da equipe era no sentido de tornar aqueles resgatados da colônia menos infelizes ou não.

Durante meses acompanharam as atividades da equipe, tentando de tudo para afastá-la de seu propósito, ora com ameaças veladas, ora com tentativas de cooptação e finalmente propondo um acordo, cujos termos se resumiam a que nem eles, nem os membros da equipe de desobsessão iriam interferir nas atividades uns dos outros.

Eles continuariam liderando sua comunidade sem nossa intromissão, e não nos perturbariam as atividades, nem as da instituição a que estávamos ligados.

Na verdade, entendemos que era a capitulação. Não vinham obtendo sucesso em suas tentativas de impedir os resgates e a colônia já se resumia a poucos membros, além deles próprios, os principais líderes, cerca de doze.

Esclarecemos que não estávamos autorizados a fazer acordos porque a atividade tinha o seu comando no Mundo Espiritual, portanto eles deveriam buscar entendimento quanto a essa proposta diretamente com nossos “superiores”.

Pouco depois, soubemos pela orientação dos Benfeitores Espirituais que mesmo aqueles que não haviam atendido aos nossos apelos de mudança de rumos na vida, haviam desistido de prosseguir naquela colônia situada em regiões do Umbral.

Para surpresa nossa, poucos meses depois eles se apresentaram para nos ajudar num mesmo trabalho, desta vez numa verdadeira cidade com características semelhantes à antiga colônia. Diziam conhecer bem os métodos e que por isso nos seriam úteis e poderiam expressar sua gratidão e retomar a própria jornada evolutiva. Sem dúvida, um final inesperado e muito feliz.

A partir daí, a equipe ficou aguardando o momento de reiniciar as atividades na outra comunidade, atendendo casos mais comuns nas sessões desse gênero. Já sabíamos que a preparação envolvia outras pessoas e equipes, desconhecidas de nós mas, certamente, dentro de um plano de ação da Espiritualidade Maior.

Já sabíamos também que a primeira experiência fora um “treino”, pois os dirigentes espirituais já haviam prevenido a equipe sobre tal tarefa. Era o descanso depois da longa atividade e preparo para a outra, mais demorada e bem mais difícil.

6 – Reuniões mediúnicas no Mundo Espiritual

*“As pessoas que se vêem em sonho, são sempre aquelas das quais têm o aspecto?
R. São, quase sempre, essas mesmas pessoas que vosso Espírito vai encontrar ou que vêm
vos encontrar.”*

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. VI – q.100;13

Muitas coisas que acontecem nas sessões de desobsessão, ou quase a totalidade delas, inclusive os objetivos finais, não são do conhecimento dos encarnados até o momento em que se desenrolam de um modo claramente articulado.

Dentre esses curiosos e extremamente instrutivos episódios há um que destacamos para partilhar com o leitor.

Numa das noites que se seguiram a uma reunião aparentemente dentro da rotina da equipe, foi possível registrar com grande clareza e lucidez espiritual, uma reunião “mediúnica”, se assim podemos chamá-la, realizada na Espiritualidade e com a presença de parte dos membros do grupo de desobsessão.

O dirigente pode perceber sua própria atuação durante o período dessa interessante reunião, e a presença de pelo menos duas das médiuns, uma das quais, sentada junto a outras pessoas, criava determinadas condições, difíceis de descrever, mas necessárias ao trabalho de atendimento de um Espírito que se apresentava em forma feminina, bastante idosa, magérrima e de semblante hostil.

O doutrinador procurava ponderar certas coisas, argumentando de forma objetiva mas sem agressividade, sem grande sucesso já que o dito Espírito lhe sacudia o indicador diante do rosto ou tentava atingi-lo com as unhas.

Entretanto, a inquieta criatura não tinha condições de sair - apesar de seu desejo - de uma espécie de círculo magnético que a impedia de partir para a agressão “física”.

Enquanto esse estranho diálogo ocorria, algo acontecia nos arredores e levou a crer que se tratava de providências no sentido de impedir que aquele ser tão agressivo e desequilibrado voltasse ao seu ambiente anterior.

Por analogia com casos semelhantes, a conversa entre ele, o Espírito de mulher, e o dirigente desdobrado, era uma condição necessária para distraí-lo e ao mesmo tempo incutir-lhe, mesmo que superficialmente, algumas noções de sua vida e situação espiritual.

Mais detalhes sobre esse acontecimento não ficaram retidos na memória após o dirigente ter retornado ao corpo carnal. Mas, esse marcante episódio, com toda a carga emocional comum nas atividades extra-físicas, trouxeram ensinamentos a mais e - quem sabe - o início da recuperação daquela mulher.

É fato conhecido que os membros regulares das reuniões mediúnicas desenvolvem atividades outras durante os intervalos das sessões, principalmente durante o sono do corpo, mesmo que não se lembrem.

O fato de não se lembrarem dessas atividades em zonas umbralinas tem seu objetivo: evitar que as impressões trazidas da atividade espiritual interfiram de modo negativo na rotina terrena da pessoa.

Termos todas as impressões e lembranças do que fazemos na vida espiritual, em locais que preferimos ou para onde somos levados ou ainda atraídos, em função de interesses, tendências e preferências, poderia levar-nos a confundir uma dimensão da vida com a outra, certamente com prejuízos para ambas.

Nem todos têm capacidade de manter lembranças de atividades no Invisível, ou lembranças de encarnações passadas e dar seguimento ao seu dia-a-dia sem transtornos na programação que estabeleceu para sua jornada terrena. Aí, mais uma evidência da misericórdia divina e dos processos evolutivos.

7 – Atividades da equipe durante o sono

“Os Espíritos zombeteiros não poderiam tomar a aparência de pessoas que nos são caras, para nos induzir ao erro?”

Não, tomam aparências fantásticas senão para se divertirem às vossas custas; mas há coisas com as quais não lhes é permitido brincar.”

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. VI – q. 100;14

Não raras vezes, após o cumprimento das tarefas previstas no horário da reunião de desobsessão, em geral uma vez por semana, durante o período de sono mais profundo, alguns ou todos os membros da equipe retornam ao local das reuniões para prosseguimento das atividades em desdobramento.

Isso explica o porquê das inúmeras e reiteradas recomendações dos Mentores, ao final das reuniões, no sentido de que todos procurem manter-se em equilíbrio e busquem o repouso necessário ao corpo, mas que libera parcialmente o Espírito para a vida no mundo espiritual.

São comuns os casos iniciados com a equipe encarnada e que têm prosseguimento depois da reunião, poucas horas depois, na mesma noite ou nos dias seguintes, continuando o atendimento aos desencarnados que - uma vez estabelecido um primeiro contato e eventual relação de confiança - o mesmo médium que o atendeu, emprestando-lhe, por assim dizer, seu corpo físico para drenagem de fluidos densos e o possível reequilíbrio de suas energias, prossiga no auxílio.

Nem todos os médiuns estão sempre em condições adequadas, por isso ocorrem casos de revezamento nesses atendimentos ou até mesmo se adia o tratamento até o médium estar em condições de colaborar.

Transtornos passageiros de saúde, problemas emocionais ou alimentação inadequada, condicionamentos mentais, incômodos passageiros e uma série enorme de pequenos distúrbios podem inviabilizar o desprendimento lúcido e uma participação mais completa nas atividades da vida extra-física.

Pode-se até perguntar por que não atendê-lo diretamente, sem o auxílio de encarnados em estado de desdobramento do corpo carnal, mas sabe-se pela literatura disponível e através das informações dadas pelos dirigentes desencarnados das sessões, os Mentores, que para determinados tratamentos são necessários fluidos próprios do encarnado, esteja ele ou não no corpo no momento do atendimento.

Ocorre que também o perispírito do encarnado pode apresentar-se mais ou menos denso (e, portanto, mais ou menos visível) para os desencarnados. Suas vibrações peculiares são úteis em certos casos e principalmente para atividades em regiões muito próximas da crosta, onde socorristas desencarnadas precisariam densificar seu perispírito para fazerem-se visíveis aos habitantes dessas regiões.

Naturalmente, isso não quer dizer que todos os que freqüentam regiões do Umbral têm seu perispírito denso. É preciso considerar o tipo e tempo decorrido desde a desencarnação, quando é o caso, ou a condição geral do Espírito como ser em evolução e em missão socorrista nessa região espiritual.

São muitos os seres ainda encarnados que freqüentam a vida espiritual próxima da Terra, em caráter de suporte ou como auxiliares dos socorristas da Espiritualidade Maior.

O certo mesmo é que todos os que se relacionam direta ou indiretamente com reuniões mediúnicas, especialmente as chamadas de desobsessão, pelo seu caráter mais específico, deveriam cuidar melhor de suas atitudes, pensamentos e até mesmo hábitos alimentares.

Não é preciso evitar os pequenos prazeres que a vida proporciona, mas nunca deixar de lado a moderação e a autodisciplina, tendo em vista a atividade específica que desempenha junto à Espiritualidade Maior.

Não há dúvida que os participantes das reuniões mediúnicas em geral devem portar-se como enfermeiros, prontos a qualquer hora do dia ou da noite, para atender encarnados ou desencarnados, de acordo com suas possibilidades.

8 - Encarnados no vale dos “perdidos”

*“Como o Espírito pode se tornar visível?
R. O princípio é o mesmo de todas as manifestações, e prende-se às propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações à vontade do Espírito.”
Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. VI – q. 100;21*

Por estranho que possa parecer à primeira vista, até mesmo parentes e amigos com boa condição espiritual, espíritas ou não, podem ser úteis na incessante tarefa de atendimento aos desencarnados em desequilíbrio.

Fato interessante se deu quando após uma reunião habitual da equipe, encerradas as atividades na casa espírita, os participantes retiram-se cada um para sua residência em busca do necessário repouso e recuperação das energias empregadas na atividade mediúnica.

As lembranças do serviço extrafísico iniciaram-se com a descida de uma encosta de um vale profundo, envolto numa luminosidade difícil de ser definida. Os dois colaboradores da reunião para lá se dirigiam. Estavam, digamos, disfarçados: mal vestidos, usando trapos. Já no fundo daquele ambiente triste e sem vida, aprontavam-se para um descanso, sentando-se no solo arenoso e cheio de grandes rochas.

Poucos minutos depois perceberam a aproximação de pessoas que os observavam de longe, mais temerosos que hostis. Pareciam querer aproximar-se mas tinham medo. Continuaram observando até que alguns se aventuram a caminhar em direção aos recém-chegados, visivelmente curiosos para saber o porquê da presença deles naquele local inóspito.

A partir desse ponto as lembranças começam a apagar-se da memória do colaborador que estivera em desdobramento, com certeza para sua própria proteção, dentro daquele propósito dos Benfeitores Espirituais de evitar que os Espíritos encarnados, provisoriamente fora do corpo, não levem uma dupla vida, relacionando sempre os acontecimentos ocorridos do “lado de lá” com os do “lado de cá” da vida.

Tal situação certamente traria seus inconvenientes para a maioria das pessoas, principalmente na sua vida de relação, por isso atuam magneticamente nos centros de memória do auxiliar encarnado limitando suas lembranças ao necessário.

O que se depreende desse episódio é que os encarnados, devido ao seu perispírito naturalmente mais denso e portanto mais visível aos desencarnados, podem auxiliar como “iscas espirituais”, por assim dizer, como no caso acima relatado, servindo para atrair seres que de outro modo encontrariam dificuldades para serem auxiliados.

Ficou bastante clara a idéia de que o local não era habitado por seres voltados para o mal. Ali se aglomeravam desencarnados sem o conhecimento da vida espiritual, entregues às circunstâncias decorrentes desse desconhecimento, mas que poderiam ser facilmente resgatados no momento próprio e com condições que lhes fossem minimamente traumatizantes.

São muitas as pessoas que desencarnam e sequer percebem o fato. Seja pela sua condição específica de total falta de curiosidade ou interesse acerca dos fenômenos que se relacionam à morte, seja pelo tipo de morte, em hospitais, por exemplo, onde freqüentemente pacientes terminais fecham seus olhos para a vida na Terra e os reabrem na vida espiritual, mas impossibilitados de compreender a nova dimensão em que passam a habitar.

Em situações assim, não é raro afastarem-se dos hospitais ou dos ambientes onde ocorreu a desencarnação, deixando o corpo de carne, já inútil, mas carregando todos os condicionamentos e fixações mentais que tiveram durante a vida terrena.

Fixações e condicionamentos de ordem religiosa, profissional, econômica, política, filosófica e tudo o mais que formamos como bagagem para a vida além-matéria.

9 – Encarnado em missão de salvamento no Umbral

*“Todo mundo está apto para ver os Espíritos?
R. No sono sim, mas não no estado de vigília. No sono, a alma vê sem intermediários; na vigília é sempre mais ou menos influenciada pelos órgãos; por isso, as condições não são sempre as mesmas.”*

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. VI – q. 100;25

Outro caso interessante que corre em paralelo ou mesmo como decorrência das sessões de desobsessão, são as constantes atividades isoladas ou grupais dos envolvidos nessas atividades mediúnicas.

O caso seguinte foi um dos mais marcantes para o envolvido, pois o grau de lucidez na vida espiritual era suficiente para dar-lhe a certeza dos fatos e mesmo de detalhes que pôde reter após o ingresso no corpo carnal, momento no qual quase todas as lembranças das atividades extra-físicas se atenuam ou, mais comumente, se apagam, deixando apenas vagas impressões.

Descia uma ladeira não muito íngreme, em região desértica e muito escura. Sabia-se acompanhado de alguém não visto mas percebido. Sabe-se que são os Benfeitores Espirituais sempre presentes, mesmo que invisíveis à pessoa em desdobramento.

Ao final de uma longa caminhada aproximou-se de uma multidão que agitava-se e gritava enquanto esperava a fala de alguém, olhando na direção de um pavilhão provido um palanque em frente.

Cautelosamente misturou-se às pessoas até atravessar para o lado oposto, fortemente intuído a proceder dessa forma. Era o momento aguardado; um discurso seria proferido por alguém importante no local. Centenas de pessoas se acotovelavam, vestidas de forma desigual denotando origens diferentes.

Já do outro lado da multidão, caminhou até determinado local onde se encontrava uma jovem de aparência assustada e também aguardando o pronunciamento. Ao aproximar-se, notou que ela voltou-se e passou a olhá-lo de modo significativo. Foi rapidamente informada que deveria sair dali, deixar aquele lugar o quanto antes e que para isso estava sendo abordada.

No estado de insegurança que experimentava e incerta quanto aos próximos acontecimentos acenou que sim com a cabeça, passando a caminhar lentamente ao lado do inesperado companheiro.

Nesse momento, vários membros daquela assembléia começaram a olhá-los de forma estranha e um tanto ameaçadora. O líder ou palestrante já se encaminhava para a tribuna quando foi dado o alarme.

Os dois saíram às pressas do local, sob forte impulso de que se apressassem até determinado ponto. O socorro foi bem sucedido e a jovem encaminhada a ambientes mais condizentes com sua situação.

Desse episódio foi possível retirar uma preciosa lição. Nem sempre há um encaminhamento automático para esferas de vida melhores. Muita coisa depende das condições do desencarnado. Ele pode ficar vagando no ambiente, sem entender de pronto o que lhe ocorreu (o que, aliás, é comum), sair do local sonambulizado e vaguear pelas imediações, retornar para o ambiente doméstico etc., ou ainda ser abordado por algum desencarnado com quem tem ou teve algum tipo de relacionamento e segui-lo para locais desconhecidos.

Para além dessa fronteira vibratória que chamamos morte, muita coisa pode acontecer. A maioria delas em consequência do tipo de vida que levamos enquanto na Terra, ainda encarnados, do tipo de relacionamentos que estabelecemos, de nossos hábitos, tendências e costumes.

Nossa psicosfera determinará onde estagiaremos após a desencarnação, mas não de imediato, pois até que nosso íntimo atinja um mínimo de equilíbrio, essa perturbação vibratória que nos toma quase que por completo, pode nos conduzir para situações inesperadas apesar de provisórias, ou para locais que nos são estranhos, onde ficaremos por um pouco, até que um novo ajuste à vida espiritual seja estabelecido.

10 - Desmantelamento de colônias no Umbral

“Uma importante questão se apresenta aqui e é a de saber se há, ou não, inconveniente em evocar maus Espíritos. Isso depende do objetivo proposto e do ascendente que se pode ter sobre eles. O inconveniente é nulo, quando são chamados com um fim sério, instrutivo e com vista a melhorá-los; (...).”

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. XXV – q. 278

Uma das atividades que surgiu sem que se soubesse exatamente o porquê mas, com certeza, com a preparação e avaliação antecipadamente feitas pelos dirigentes desencarnados, foi a formação de uma equipe para colaborar juntamente com inúmeras outras espalhadas pelo país e quem sabe mais além, do desmantelamento de colônias situadas em zonas espirituais inferiores.

Certamente, cada equipe de médiuns passaria a colaborar, oferecendo as possibilidades e características de cada uma, de modo a atender a essa gigantesca tarefa, ao lado dos desencarnados também envolvidos com tal missão.

Pelo andamento das atividades, pudemos deduzir que se tratava de um vasto plano de ação cujo objetivo maior era o resgate de Espíritos em condições de reabilitação, através de imediato reingresso no mundo material, pelas vias da reencarnação e nas condições que lhes fossem possíveis, além do afastamento de lideranças desses mundos inferiores, fosse pela persuasão e conseqüente abandono de suas atividades perturbadoras, fosse pela reencarnação para reequilíbrio nas lides terrenas.

Fora de dúvida que era um trabalho que atendia ao processo de transformação moral do planeta. As regiões espirituais inferiores ainda estão cheias de criaturas ignorantes da própria situação, não propriamente más, mas espiritualmente doentes. O mal que praticam, praticam por ignorância ou por medo de seus líderes, estes sim, carentes de laborioso trabalho de encaminhamento para uma vida melhor.

Uma dessas tarefas foi descrita em capítulo constante desse livro, mas atividades paralelas ou conseqüentes à primeira ainda se deram ao longo dos anos, indicando que era apenas o começo de tal trabalho.

Os mentores, em ocasiões oportunas, se manifestavam ora pela psicofonia, ora pela intuição e, na maioria das vezes, durante o sono do corpo para detalhamento das atividades e avaliação dos resultados.

É bem provável que muitas pessoas de boa conduta e bom preparo moral-espiritual estejam colaborando nesse trabalho, mesmo que não participem diretamente em reuniões de desobsessão, ou ainda que não tragam lembrança alguma de suas atividades no Invisível.

O conjunto de observações e as experiências acumuladas durante as sessões tornam perfeitamente plausível a hipótese de que se esteja realizando, longe dos olhos carnis, a separação entre o joio e o trigo, como menciona as Escrituras, com o auxílio dos próprios homens e mulheres de boa vontade, espíritas ou não.

Nada mais natural dentro do contexto evolutivo terreno, já que tal transformação social e moral do planeta, nos dois planos existenciais, o visível e o invisível, só pode ser realizada em regime de mutirão e contando com a participação dos habitantes do planeta, com cada qual contribuindo com o que tem de melhor, através de todas as possibilidades de organizações sociais possíveis.

Por que caberia somente ao Espiritismo modificar o panorama espiritual e moral da Terra? Certamente essa idéia somente caberia numa visão limitada e estrábica da Lei do Progresso, que nos impulsiona a todos em direção ao Pai e Criador, qualquer que seja a crença, etnia, sexo ou idade física.

À Doutrina Espírita certamente cabe o papel de popularizar os conceitos de reencarnação, imortalidade da alma, a existência de Deus, a possibilidade da comunicação entre os ditos “mortos” e os vivos, o valor do que é bom, belo e justo, afastando as credices e superstições, os equívocos e extremismos ainda comuns a muitas crenças terrenas.

Ainda assim, o Espiritismo será sempre um meio e não um fim em si mesmo. O verdadeiro fim, a meta final, é a longa caminhada rumo à perfeição divina.

Dentro do exposto, nos parece que todos e qualquer um que se disponha a viver e semear a Boa Nova é candidato natural a ser um colaborador na renovação social planetária, sem a necessidade de participar de reuniões mediúnicas, qualquer que seja a modalidade.

Indispensável mesmo é o altruísmo e a solidariedade, a dedicação e o amor ao próximo, a vontade de fazer o que estiver ao seu alcance, o empenho em realizar o seu possível.

11 - Cura de desconhecidos à distância

“Podem pedir-se aos Espíritos notícias sobre a sua situação no mundo dos Espíritos? Sim, e as dão de boa vontade, quando o pedido é ditado pela simpatia ou o desejo de ser útil, e não pela curiosidade.”

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. XXVI – q. 292;21

São muitos os casos de atendimentos que acontecem por completa iniciativa dos organizadores da Espiritualidade, a maioria certamente, e que surpreendem pelas circunstâncias em que ocorre.

Certa vez, numa reunião que poderíamos chamar de rotineira, num dado momento um dos médiuns passou a descrever ambiente hospitalar e sua visão espiritual foi, aos poucos, encaminhando-se para uma pessoa ligada aos próprios serviços de saúde do local, médica ao que parecia.

Foi vista em estado mental e espiritual deplorável, vinha perdendo a capacidade de falar, manifestar-se e mesmo locomover-se. Um caso grave de obsessão em rápido processo de agravamento, intimamente aceita pela encarnada em questão.

Não encontrara forças em si mesma para resistir ao assédio a partir do momento em que credores do passado a encontraram em busca de vingança. Entregara-se por completo à simbiose mental que lhe perturbava até mesmo as funções orgânicas.

Foi pedido aos presentes à sessão daquela noite que se fimassem nos propósitos de auxílio, de modo a criar-se ambiente espiritual propício ao atendimento.

Durante as semanas seguintes e certamente durante o sono do corpo dos médiuns, aquela servidora em doloroso processo de recuperação moral-espiritual foi sendo atendida. Pode ser que o rápido atendimento e, certamente, seus méritos pessoais, permitiram que fosse gradualmente desfeito o controle psicomotor que os credores lhe impunham.

Passados os dias, fomos recebendo, pela mediunidade dos participantes da reunião, notícias acerca de sua recuperação e informes de que seria orientada no sentido de precaver-se adequadamente e assim evitar nova investida dos adversários invisíveis, eles próprios igualmente carentes de atendimento e orientação.

Estava claro que aquela primeira providência evitava o completo transtorno físico, emocional e mental, mas não representava a cura completa, que só se daria por conta do tempo e do entendimento com aqueles que se consideravam lesados por ela, de algum modo, em alguma existência passada na qual estiveram juntos.

Casos assim são relativamente comuns e independem da posição ou condição social. Ter um cargo importante ou ser rico não livra ninguém das conseqüências dos erros cometidos no passado.

Altos postos na vida terrena, nem a riqueza material podem comprar a paz da consciência e menos ainda a segurança espiritual. Só a vivência equilibrada e justa pode dar certeza da vida futura e de relativa paz no presente.

É a lei à qual nos submetemos e que não se subverte por interesses pessoais ou circunstanciais. Só se eliminam os efeitos pela remoção das causas. As más influências das companhias, seja de encarnados ou de desencarnados, trazem malefícios individuais e coletivos dependendo das ações a que conduzem.

Se alguém deseja libertar-se, em definitivo, desses dissabores, deve alinhar sua conduta, quanto possível, a uma vida que privilegie o Bom, o Belo e o Justo. Nessa faixa mental e espiritual, é virtualmente impossível ocorrer interferências negativas tão graves quanto a que descrevemos acima e que, por misericórdia divina, pôde ser parcialmente remediada.

12 – Desobsessão incompleta ou mal sucedida

*“A obsessão apresenta caracteres diversos que é necessário distinguir, e que resultam do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra **obsessão** é de alguma sorte um termo genérico pelo qual se designa esse gênero de fenômeno, cujas principais variedades são: a **obsessão simples**, a **fascinação** e a **subjugação**.”*

Allan Kardec, O livro do médiuns, Cap. XXIII – q. 237; §2º

É muito comum às pessoas que desconhecem os complexos problemas existenciais que cada ser, encarnado ou não, carrega em si, acharem que todos os casos de obsessão, isto é, influência negativa e pertinaz de um ser sobre outro, possam ser solucionados por completo.

Infelizmente, não é bem essa a realidade. Enquanto existirem atitudes levianas, desatinos, paixões descontroladas, insensatez, egoísmo e orgulho tão exacerbados, existirão causas de problemas obsessivos, com amplas repercussões em ambos os planos de existência e, não raramente, para várias reencarnações.

Não é incomum que pessoas tratadas de processos obsessivos tenham recaídas por não terem modificado substancialmente sua conduta, seu caráter, acreditando que uma aparente ou provisória mudança de hábitos afasta por completo os desarranjos de relacionamento entre uns e outros.

Pode até acontecer, e realmente acontece, que os ditos obsessores se afastem após as orientações recebidas nas sessões, encaminhando-se para uma vida mais feliz em regiões da Espiritualidade Maior, ou reingressando na vida material, quando oportuno.

Mas, há também situações em que os adversários invisíveis se afastam, aparentemente convencidos de que devem modificar suas condutas, mas que – na verdade – apenas usam de um recurso simples e muitas vezes eficaz: aquele que poderíamos chamar de “recuo tático”, para novo assédio em momento oportuno.

Entretanto, se o ex-obsediado não mudar efetivamente seus hábitos e atitudes mentais, permanece candidato a novas perturbações pelo fato de manter-se vulnerável a determinado tipo de seres com quem compartilha as mesmas idéias e tendências. Trata-se da sintonia mental, das afinidades emocionais e psicológicas.

Dentro dessa realidade cotidiana, não são raros os casos de obsessões parcialmente resolvidas, amenizadas, das tréguas asseguradas para que os envolvidos se melhorem, retemperando o ânimo, dando tempo para as reflexões necessárias às mudanças de rota de suas respectivas vidas.

Quantas vezes, pode-se observar que o afastamento recíproco, entre obsessão e obsidiado, é suficiente para a reflexão sobre os acontecimentos e a possibilidade de experimentar a vida sem aquele mútuo tormento, viabilizando o perdão, o entendimento e até os reatamentos de relações, já que em muitos casos é o desamor, e não o ódio, o motor do processo obsessivo.

Tais situações de cura ou alívio temporário dos processos obsessivos deve-se a um fato incontestável: a desobsessão é um processo de auto-cura, depende essencialmente de uma reformulação de conceitos acerca da vida e das relações humanas, de mudanças profundas, definitivas e radicais de procedimentos, evitando-se aqueles que predisõem ao desequilíbrio existencial.

A mente livre de simbiose com seres igualmente perturbados ou perturbadores depende, sempre, da mudança de faixa vibratória do ser em processo de recuperação espiritual, do contrário serão inevitáveis as recaídas em novos processos de obsessão e repetidos tratamentos, tal qual ocorre com doenças comuns quando não são tomadas medidas profiláticas.

Não se surpreenda o leitor quando tomar conhecimento de pessoas que recaíram em perturbações espirituais após demorados tratamentos ou provisórios afastamentos dos fatores que dão causa a tais situações.

Das duas uma, ou o tratamento foi ineficaz, e se o foi deve ser porque as sessões não tiveram condições de reabilitar as partes envolvidas, ou então as partes envolvidas não se dispuseram efetivamente a pôr fim aos próprios sofrimentos, renunciando ao ódio, ao desamor, à vaidade e ao orgulho, ao amor próprio ferido, aos rancores e ressentimentos surgidos, freqüentemente, não da intenção de prejudicar, mas pela invigilância, ignorância, ou até mesmo por causa de doenças.

Como se vê, sem a mudança de conduta moral, mental e espiritual, não se pode pensar na impossibilidade de processos de perturbações espirituais, pois o equilíbrio depende da faixa vibratória na qual o ser predominantemente vive, e as reuniões de desobsessão são meios para se atingir um fim que, em última instância, depende dos envolvidos.

Às vezes, a simples e sincera disposição individual em mudar os padrões mentais são suficientes para o sucesso do processo desobsessivo, com a manutenção de boas leituras, boas atividades, bons sentimentos e pensamentos que acabam por arrastar aquele ou aqueles que se consideram credores a iguais mudanças de vida, afetando positivamente a tudo e a todos que direta ou indiretamente se ligam ao caso.

13 – Reuniões dos médiuns em desdobramento para atividades na própria casa espírita

“O Espírito, propriamente dito, pode se tornar visível ou não o pode senão com a ajuda do perispírito?”

R. No vosso estado material, os Espíritos não podem se manifestar senão com a ajuda do seu envoltório semi-material, é o intermediário através do qual age sobre vossos sentidos.

É sob este envoltório que eles aparecem, às vezes, com uma forma humana, ou outra diversa, seja nos sonhos, seja mesmo no estado de vigília, tanto na luz como na obscuridade.”

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. VI – q.100;22

Todas as pessoas, espíritas ou não, mas indispensavelmente espiritualizadas, atuam em algum setor da vida humana também no Invisível, enquanto o corpo carnal se recupera das atividades diárias.

Somos seres que vivem e atuam simultaneamente nas duas esferas existenciais: a física e a extra-física, a visível e a invisível; vivendo intensamente o “lado de lá” e o “lado de cá” da vida, a partir de nossos interesses e atividades, pendores e tendências, afinidades, afetos e desafetos.

Enquanto o corpo físico dorme, o Espírito se desloca, em seu perispírito, para outros aposentos, regiões próximas de sua habitação, ambientes aos quais se liga, como também para lugares específicos do Mundo Espiritual, de acordo o tônus vibratório espiritual que o caracteriza como criatura imortal.

Assim, todos os seres humanos passam um tempo maior ou menor na vida extra-física, mesmo que não se lembrem, mesmo que nunca tenham lido ou estudado o assunto, acreditem ou não, pois o desdobramento é uma possibilidade anímica, própria dos seres encarnados.

A muitos ocorre o fenômeno de um modo incompleto, com escassa lucidez, como se deixassem o corpo em repouso e ficassem, por algum, tempo no Invisível, em estado sonambúlico, de semilucidez, ao sabor de impulsos ou influências extracorpóreas.

No caso de médiuns e de pessoas ligadas a atividades de intercâmbio espiritual, esse fenômeno pode ser facilitado pelo seu entendimento e abertura mental e psicológica para que ele aconteça. No caso dos espíritas o detalhamento dado acerca da vida no Mundo Espiritual pode ser um facilitador adicional.

É por isso que não raras vezes, membros das reuniões mediúnicas, e outros participantes e colaboradores de uma instituição ou grupo espírita, se encontrem durante o sono do corpo.

Retornam ao local de frequência habitual para prosseguirem em atividades, para estudos em comum, orientações mais diretas de seus mentores e amigos desencarnados, encontros e reuniões para planejamento de atividades e uma infinidade a mais de coisas que podem acontecer, felizes ou não tão felizes enquanto repousa o complexo orgânico.

Num desses episódios ocorridos com a equipe de nosso conhecimento, houve um interessante fato de alguns membros se encontrarem diante da entrada da instituição, naturalmente em desdobramento mais ou menos lúcido, dependendo da condição de cada um naquela circunstância.

Era uma oportunidade de dar seguimento às atividades mediúnicas, prosseguindo no atendimento de Espíritos recebidos durante a sessão e albergados provisoriamente nas dependências da casa, até sua transferência para ambientes apropriados a cada caso, na Espiritualidade.

Quanto aos desencarnados enfermos, necessitavam de alguns entendimentos a mais, e isso seria feito com mais facilidade pelos próprios membros da equipe devido àquela confiança carinhosa estabelecida no primeiro contato pela mediunidade.

Sobretudo, informam os amigos espirituais pela literatura disponível e pelas experiências psicofônicas, que o perispírito do encarnado é mais denso por influência do corpo carnal e, por isso, mais facilmente visível para desencarnados em situações ainda precárias quanto ao novo ambiente de vida.

Os encarnados em desdobramento davam continuidade ao atendimento aos enfermos espirituais e os servidores da Espiritualidade, em seguida, os encaminhavam mais aliviados para hospitais ou escolas no Mundo Espiritual.

Desse modo, pessoas recém-desencarnadas e ainda confusas eram introduzidas na vida extrafísica de modo gradual, respeitando-se seu estado de alma, suas concepções de vida, seus limites de entendimento, enfim suas condições e necessidades gerais, numa inegável manifestação da misericórdia divina que sabe, antecipadamente, das imperfeições e limitações de que cada um é portador, mas também dos caminhos possíveis para alívio dos tormentos decorrentes da morte, que ainda a muitos assusta e perturba.

Essa é, certamente, uma atividade que podemos considerar corriqueira em todas as casas e agrupamentos espíritas bem constituídos, mostrando-se como uma extensão das atividades de orientação e consolo que pessoas de bom coração podem realizar, independentemente de serem declaradamente espíritas.

Antes de sermos espíritas, somos Espíritos, e o fato de seguir a Doutrina Espírita pode ser considerado uma circunstância que atende a condições, anseios ou necessidades específicas e não algum tipo de credencial que nos separe dos demais irmãos por laços de humanidade.

14 – O centro espírita como casa transitória para Espíritos enfermos

“Médiuns curadores; os que têm o poder de curar ou aliviar pela imposição das mãos ou pela prece.

“Esta faculdade não é essencialmente mediúnica; pertence a todo crente verdadeiro, quer seja médium ou não; freqüentemente, ela não é senão uma exaltação do poder magnético fortificado em caso de necessidade pelo concurso dos bons Espíritos”. (nº 175)

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. XVI – q. 189

Em muitos casos, seres com escasso desenvolvimento moral e pouco conhecimento da vida extra-física, permanecem vagando pelos ambientes daqueles ainda encarnados, causando transtornos de vários tipos.

A morte do corpo não os faz mudar, de imediato, a conduta e atendendo aos seus impulsos anteriores, prosseguem sua rotina de vida desregrada, ou ao sabor das circunstâncias.

São comuns os casos em que desencarnados, ainda com a mente em desalinho, ficam provisoriamente mantidos em ambientes da casa espírita, de modo a retirá-los de circulação e da convivência dos encarnados, onde poderiam provocar transtornos de vários tipos.

Nesses casos, têm seu direito de escolha, sua liberdade, temporariamente suspensos, colocando-se sob a tutela dos Benfeitores Espirituais que se incumbirão de criar as condições necessárias à sua reabilitação, tratando cada caso com a atenção e o carinho que demandam.

Assim, as casas de caridade, as instituições e ambientes onde as vibrações predominantes são mais equilibradas que as das ruas e dos ambientes anteriormente freqüentados, recebem esses seres enfermos da alma, por tempo limitado ao suficiente para um pronto-socorro.

Convém frisar que toda essa situação recebe a supervisão direta dos Benfeitores, inclusive quanto à segurança do ambiente e à integridade dos que o freqüentam. Somente médiuns muito sensíveis às vibrações ambientais ou videntes chegam a perceber a presença dessas criaturas.

Terminado o estágio preparatório, durante o qual são tratados e recebem toda a orientação que são capazes de assimilar, são encaminhados a ambientes espirituais melhores, individualmente ou em grupos. Raros insistem em retornar à vida anterior.

Nesse ponto de nosso relato é importante lembrar ao leitor que o centro espírita funciona normalmente como mera casa transitória, existindo instituições específicas no Mundo Espiritual para acolhimento e atendimento adequado aos recém-desencarnados em situações mais graves.

Em muitos casos, os seres detidos no ambiente da casa espírita aguardam as sessões habituais, quando podem manifestar sua raiva e descontentamento, sua indignação e mesmo confusão por encontrarem-se ali retidos e sem saberem porque não podem ou não conseguem evadir-se do local.

É que nem sempre percebem a presença constante dos Benfeitores, e por isso mesmo retornam ao diálogo com o doutrinador para gradualmente conseguirem dilatar suas potencialidades espirituais, quando – não raras vezes – percebem a presença de um parente falecido há muito, de um pai ou mãe, amigo ou ente amado que o precedeu na vida extra-física, causando-lhe o benéfico impacto emocional do contato, e a certeza da continuidade da vida após a morte.

Em geral, tais situações são suficientes para abrandar o ânimo do ser revoltado que, em seguida, é passado aos cuidados daquele que conhece e em quem aprendeu a confiar. Momentos de alegria para todos os envolvidos, pois é a vitória da Imortalidade sobre os transtornos da vida material, paradoxalmente tão limitadora das potências do Espírito e igualmente importante em seus resultados para a evolução dos seres.

15 – O caso do escravo

“Os Espíritos, para se manifestarem, têm necessidade de serem evocados?

R. Não; apresentam-se, amiúde, sem serem chamados, e isso prova que vêm de boa vontade.”

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. XXV – q.22

O Brasil é um país com forte presença de afro-descendentes. As experiências envolvendo Espíritos que passaram por essa etnia são comuns em reuniões mediúnicas.

Não é raro também, infelizmente, dirigentes não permitirem a presença de antigos escravos, índios ou caboclos nas sessões, até mesmo quando se dá através de médiuns que passaram por experiências reencarnatórias no período da escravidão, trazendo consigo, por isso mesmo, antigos companheiros de jornada terrena ou as repercussões existenciais decorrentes do atrito multirracial no passado.

Não nos parece sensato desejar sessões nos moldes da França do século XIX, com forte presença branca e européia, num país como o Brasil, que tem sido ponto de convergência para a reencarnação de Espíritos de várias origens e níveis morais, culturais, intelectuais etc.

Na equipe que nos ofereceu as experiências aqui relatadas, tais entidades espirituais sempre foram recebidos com o mesmo carinho e em termos da mais absoluta igualdade, respeitando-se suas peculiaridades.

Nesses casos, cabe ao dirigente encarnado organizar o intercâmbio de modo a dar-lhe seguimento sem prejuízo do conteúdo, deixando as questões de forma em segundo plano de preocupações.

Num desses episódios, a comunicação iniciou-se com gemidos de dor, emitidos em tom baixo, como de alguém agonizando ou exausto. Aos poucos, dentro do andamento natural do trabalho de atendimento, um médium vidente presente fez a descrição do que ocorria, apontando a presença de um negro que sentia e ainda vivia intensamente os momentos de dor e aflição que precederam sua morte num tronco onde fora deixado preso para morrer.

Lamentavelmente, mesmo decorrido mais de um século desde a abolição formal da escravidão no Brasil, sabe-se da existência de vastas regiões do país onde seres humanos ainda são tratados como animais. Nessas regiões, a escravidão ainda não desapareceu e pessoas sofrem privações, inclusive de liberdade, e recebem tratamento como se ainda estivéssemos em pleno século XIX.

Era um caso de fixação mental num momento doloroso e traumatizante para o Espírito. Sem grandes conhecimentos da vida espiritual, prendeu-se mental e emocionalmente àquele momento.

O diálogo começou pela indagação de como se sentia, se ouvia bem, como via o ambiente em que se encontrava, sendo-lhe solicitado que descrevesse tudo enquanto recebia atendimento e era “solto da corrente”.

Com dificuldade, contou que tinha sido punido daquela forma. Como já era velho para o trabalho o patrão mandara acorrentá-lo e deixá-lo morrer para servir de exemplo para os demais. Dizia não saber exatamente o que acontecera depois de tanta fome e sede, afirmando que sofria muito.

Com muito tato ele foi sendo orientado no sentido de procurar ver com mais atenção o ambiente em que estava, de perceber que já não se encontrava nas correntes e que o local era outro. Aos poucos percebeu por si mesmo que já estava “morto” e perguntou algumas poucas coisas a mais sobre o que aconteceria agora, para onde iria e o que seria feito dele.

Como de hábito nesses casos, ele estava cercado de antigos companheiros de labuta, afora os Benfeitores que passou a perceber também, livrando-se gradualmente da fixação mental e alargando seu entendimento sobre a nova situação.

Como encontrava-se bastante debilitado, não falou muito e seu atendimento foi encurtado ao tempo mínimo necessário, sendo encaminhado logo em seguida para os enfermeiros espirituais que o conduziram para novo ambiente, adequado às suas necessidades e de acordo com sua condição no momento.

Foi mais uma experiência tocante pelo seu aspecto profundamente humano, e a demonstração clara das conseqüências de hábitos, como a dominação de uma raça sobre outra, e os resultados individuais e coletivos de tudo isso.

O Brasil foi um dos últimos países a extinguir oficialmente a escravidão negra e é bem possível que muitos problemas de ordem social e coletiva ainda existentes, sejam decorrentes de quase quatro séculos de exploração da força de trabalho de uma raça.

16 – Pais e mães... e os filhos que ficam

“Por quais sinais se pode reconhecer a superioridade ou inferioridade dos Espíritos?

R. Pela sua linguagem, como distinguis um estouvado de um homem sensato. Já o dissemos, os Espíritos superiores não se contradizem nunca e não dizem senão boas coisas; não querem senão o bem; é a sua preocupação.”

Allan Kardec, O livro dos médiuns, Cap. XXIV – q.268; 1º

Caso interessante e bastante ilustrativo das conseqüências da imprevidência de uns e da ganância de outros, foi o de um pai recém-desencarnado em hospital e que retornou para o ambiente doméstico, atendendo aos automatismos mentais comuns nesses casos.

Sem perceber que já havia “morrido”, foi conduzido à reunião mediúnica e atendido dentro do quadro que apresentou. Depois de apresentar-se sem grandes dificuldades pela psicofonia de médium da equipe, passou a comentar o que sentia.

Deu a entender que achava que o ocorrido fora algo de rotina. Uma ida ao hospital para atendimento aos males do corpo, próprios da velhice e o retorno à residência. Mostrava-se irritado e reclamava dos

parentes que não o cumprimentavam, passando por ele como se não o percebessem. Fato que ele tomava como total e absoluto desrespeito pela sua pessoa e condição de “chefe de família”.

Comentou que estivera sentado em sua cadeira preferida na sala de sua casa, quando um familiar quase sentou-se sobre ele. Reclamou, mas sem resultados, ficando ainda mais nervoso e irritado com a “falta de respeito” dos parentes.

Para os Benfeitores Espirituais não é difícil conduzir recém-desencarnados nesse estado de confusão mental para o ambiente das sessões, já que não se tratam de pessoas voltadas para o mal ou cientes de sua condição e que escolhem viver entre os seus. Era apenas isso: um homem confundido pela morte inesperada e sem grandes incômodos, ao ponto de retornar para sua casa, pensando viver a vida de antes.

Depois de recebido com a atenção e o carinho que lhe foi dispensado, manifestou seu desagrado quanto ao que acontecia em seu lar. Devagar e com habilidade lhe foi sendo mostrado o novo cenário espiritual.

Continuou falando por algum tempo e demonstrou viva inquietação pela preocupação de seus parentes mais próximos quanto aos bens que tinha. Não entendia o porquê daquelas discussões sobre partilha já que estava vivo. E de fato estava, mas não mais no mundo material onde deixara seus bens.

Quando entendeu o ocorrido, chorou pelo que via acontecer na família. Não imaginava que houvessem disputas e atritos por causa de coisas materiais. Lamentou não ter deixado esse assunto resolvido através de testamento ou algo assim. Mas, disse não imaginar que isso pudesse acontecer, daí sua despreocupação com o caso.

Foi orientado no sentido de deixar que os encarnados resolvessem o caso dentro das leis terrenas que regulavam tais assuntos, e que ele se ocupasse com sua nova vida, que poderia ser mais tranqüila e mais feliz de agora em diante.

Perguntou pelos parentes, sobre como ficariam sem ele. Foi informado que nada mais poderia fazer, a não ser visitá-los e auxiliá-los espiritualmente, quando estivesse restabelecido e pronto para isso. Até lá, era conveniente deixar que Deus, o Pai de todos, se encarregasse de tudo através de seus mensageiros.

Nesse momento ficou mais calmo, pois sendo homem religioso, a referência a Deus lhe devolveu a fé e a tranqüilidade.

Parentes já desencarnados se aproximaram e ele, surpreso e feliz, foi encaminhado para novos ambientes da vida espiritual, já praticamente desligado de suas preocupações com a vida que tivera na Terra.

Aceitara com facilidade as orientações e seu estado moral-espiritual lhe permitiria uma recuperação relativamente rápida.

Esse acontecimento chamou a atenção dos membros da equipe para um fato comum: a pouca preocupação dos encarnados com seus bens e possíveis herdeiros, e a relação disso com as leis terrenas que regulam a transferência de riquezas e bens de uns para outros. Sobretudo, com seus possíveis reflexos na vida espiritual dos que deixam bens.

Mais ainda, a pouca preocupação com a própria desencarnação e seu impacto e conseqüências sobre si mesmos e sobre aqueles que ficam, entes queridos ou não. Todos vivem como se a morte não pudesse acontecer com eles, apesar da realidade demonstrar que todos, independentemente da idade ou sexo, estado de saúde, de riqueza ou miséria, posição social ou poderes terrenos, estão sujeitos a esse fenômeno que é a única fatalidade na vida humana.

II Parte

Começo mediúnico

Se você deseja cooperar com os Bons Espíritos na causa do Bem, não exija mediunidade espetacular.

Procure engajar-se numa equipe de criaturas dedicadas à compreensão e ao auxílio em favor do próximo.

Estude, agindo para colaborar com mais segurança.

Comece na certeza de que você precisa muito mais dos outros que os outros de você.

Não se queixe nem acuse a ninguém.

Se esse ou aquele companheiro lhe experimenta a humildade ou a paciência,

ao invés de lamentar-se, agradeça a oportunidade de aprender e progredir.

Não olvide que você se encontra em atividade do Plano Espiritual, numa construção de paz e amor.

Para ser canal do Bem, é preciso ajustar-se aos reservatórios do Bem.

Os mensageiros da bênção de Deus, para abençoarem por seu intermédio, esperam que você igualmente abençoe.

Quando você estiver trabalhando e auxiliando, entendendo que mediunidade com Jesus é serviço ao próximo, encontrará o seu próprio caminho e a sua própria orientação na intimidade dos Benfeitores Espirituais, compartilhando-lhes a paz e a alegria que decorrem do bem aos outros, que é e será o bem de todos para sempre.

André Luiz/Espírito (Mensagem psicografada por Chico Xavier)

Considerações sobre os médiuns e a mediunidade

Introdução:

A mediunidade, ou seja, a capacidade de termos contatos com os Espíritos, é uma presença constante na literatura universal. Quem já leu os clássicos gregos como a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero, ou a *Eneida*, do poeta latino Virgílio, certamente notou a presença dos imortais no cotidiano dos homens. No passado eram tidos como deuses, e compartilhavam dos prazeres e das dores dos homens e mulheres da Terra.

A *Bíblia* é um livro repleto de fenômenos anímicos e mediúnicos. Aliás, pode-se afirmar que se tirarmos o conteúdo mediúnico da Bíblia, ela perde seu valor e passa a ser o simples relato da história do povo judeu.

São os fenômenos anímicos e mediúnicos que ela registra que a fazem ser o que é (veja *Visão espírita da Bíblia*, de J. Herculano Pires).

Mais recentemente, no século XIX, Allan Kardec escreveu *O Livro dos Médiuns*. Ainda o melhor e mais completo compêndio sobre o assunto. Toda a literatura espírita que o seguiu apenas desenvolveu, ampliou ou detalhou aspectos expostos no livro de referência para aqueles que querem entender os fenômenos anímicos e mediúnicos descritos na literatura antiga, e ainda atuais.

O presente texto pretende apresentar, de forma resumida e organizada, alguns pontos que nos parecem merecer comentários. São o resultado de quase duas décadas de atividades na área mediúnica, mais as leituras, observações, trocas de idéias, vivências e experiências próprias, e de outros companheiros. Como tudo o mais na vida, expressa o entendimento, a interpretação e a vivência do autor, resumindo-se a uma visão pessoal sobre um assunto tão vasto quanto complexo.

Intencionalmente deixamos de fazer transcrições ou citações, que apenas tornariam o texto mais longo que o pretendido. Optamos por fazer alguma indicação bibliográfica mais comum e de nosso conhecimento, quando nos pareceu oportuno. Esperamos que o leitor aprecie este resumo, compreendendo seus limites e finalidade.

.....

1 - Médiuns e mediunidade - conceituação geral

A mediunidade é uma *faculdade orgânica*; uma (pré)disposição especial do organismo que torna possível o contato e intercâmbio com o mundo invisível aos olhos terrenos. Todos os indivíduos são médiuns, em maior ou menor grau, independentemente de idade, sexo, condição social, etnia ou formação religiosa.

1.1 *Quem é, e quem não é médium*

Normalmente, se considera efetivamente *médium* aquele que é portador de uma ou mais modalidades mediúnicas *ostensivas*, isto é, facilmente perceptíveis e contínuas.

2 - Mediunidade - tipos mais comuns

Atualmente, nota-se uma concentração maior na psicofonia ("incorporação"), vidência e psicografia. Intuição (fenômeno mediúnicos) e inspiração (fenômeno anímico, como o são a telepatia e a psicometria) estão sempre presentes. Os efeitos físicos tornam-se cada vez mais raros.

A mediunidade curadora também está sempre presente, de forma objetiva (através do passe espírita) ou implícita, subjetiva, nos atos de benevolência do nosso dia-a-dia, por ser a única que pode ser efetivamente desenvolvida pelo desejo de ajudar e praticar o bem.

2.1 *Mediunidade não é doença*

É importante considerar que mediunidade não é doença e não deveria ser tratada como tal, embora possa, nas manifestações iniciais, apresentar-se associada a alguma enfermidade física ou espiritual. Tratamentos médicos convencionais, como psicoterapia, uso de calmantes, antidepressivos etc., podem servir como paliativos, mas não são solução definitiva.

Merece análise a questão 451 (e seguintes), de *O Livro dos Espíritos*, que trata da "segunda vista" como uma faculdade que pode estar ligada a fatores hereditários.

2.2 *Moral e mediunidade*

A condição moral do médium influi no exercício da mediunidade, na qualidade dos Espíritos que o procuram ou assistem, nas suas escolhas e no bom ou mau uso que faz de suas faculdades. Mas, a mediunidade, enquanto *faculdade orgânica*, independe totalmente do fator moral.

3 - Médiuns - situações mais comuns

Como a mediunidade encontra-se em quase todos os indivíduos, em maior ou menor grau, numa ou noutra modalidade, é compreensível que se manifeste de formas muito variadas, dependendo da condição evolutiva do ser e de suas necessidades espirituais.

3.1 *Expição*

A maioria dos médiuns, cuja mediunidade é ostensiva, encontra-se nessa categoria, em função de reparações devidas à própria consciência e à comunidade. É uma condição frequentemente associada à dor, seja física ou moral, além de outros fatores;

3.1.1 *Distúrbios orgânicos*

A mediunidade expiatória é uma oportunidade dada à pessoa que a possui. Isso ocorre por ser manifestação da misericórdia divina e concessão que vai permitir reparar erros cometidos em outras passagens pela Terra.

É comum esses médiuns verem agravados seus distúrbios orgânicos, suas enfermidades crônicas ou congênitas, quando se afastam das atividades mediúnicas. Para essas pessoas, o exercício regular da mediunidade é um fator fundamental para seu equilíbrio psicofísico (veja *Recordações da mediunidade*, de Yvonne A. Pereira).

3.1.2 *Obsessão e loucura*

Na mediunidade, caso o médium não consiga usá-la para o bem, com razoável controle e equilíbrio de suas faculdades, pode tornar-se vítima de perseguidores invisíveis, muitas vezes companheiros de erros do passado. Nestes casos, lamentavelmente, observa-se um bom número de médiuns resvalar para a obsessão e para o desarranjo de suas faculdades mentais. Casos que a medicina terrena - ainda presa a um modelo materialista - não tem como tratar convenientemente (veja *Loucura e obsessão*, de Divaldo P. Franco/Manoel P. de Miranda/Espírito).

3.2 *Provação*

O que mais caracteriza a provação é a consciência que o Espírito tem acerca de suas faculdades, compromissos e necessidades, além da disposição em aperfeiçoar-se. Há aí, portanto, um componente que é a vontade de vencer as provas que vai enfrentar na prática da mediunidade.

Na mediunidade provacional, o Espírito compartilha das decisões acerca de sua reencarnação como médium, preparando-se, ainda na Espiritualidade, de forma adequada à tarefa para a qual se dispõe realizar.

Nesses casos, o médium usufrui de sua liberdade de ação para modificar alguma coisa de sua prévia programação. Mas, se fracassar ante as provas, certamente terá que cumprir programas de reparação em futuras retomadas da vida terrena.

3.3 Natural

A mediunidade natural é aquela que é resultante do processo de aperfeiçoamento, das experiências vividas pelo Espírito ao longo de suas inúmeras reencarnações. Sua crescente facilidade de intercâmbio com a vida espiritual é, para ele, natural e prazerosa, tornando-se um patrimônio espiritual que carregará consigo para encarnações futuras.

3.3.1 Sensitivos

São aquelas pessoas que possuem uma capacidade de percepção nem sempre muito bem situada ou definida, pois está além das coisas materiais. Quase todas as pessoas possuem um certo grau de sensibilidade medianímica, resultante de seu progresso espiritual. É o ser interexistente, vivendo, simultaneamente, o mundo espiritual e o material.

Pressentimentos, intuições, sonhos proféticos, premonições, psicometria etc. Uma espécie de "sexto sentido", que se manifesta de várias formas e com intensidades diferentes.

4 - Mediunidade temporária (provocada, induzida)

Eventualmente, a mediunidade pode ser induzida ou despertada por Espíritos, ou pelo uso de certas drogas, ou até pelo impacto de emoções muito fortes. Terá sempre um caráter temporário e artificial, e seus efeitos sobre o encarnado podem tomar uma de duas direções: se for produzida por Espíritos superiores, a finalidade certamente será nobre; se Espíritos imperfeitos se associam a alguém para dar-lhe essa condição, as conseqüências, em geral, são desagradáveis para os envolvidos.

5 - Mediunidade e mediunismo

Convencionou-se denominar *Mediunidade*, à capacidade que algumas pessoas possuem de estabelecer o intercâmbio entre os Espíritos, de modo consciente, voluntário e dentro dos ensinamentos espíritas. O vocábulo *Mediunismo* tem sido usado para designar a prática da mediunidade sem o conhecimento de seus mecanismos, de suas implicações éticas e morais.

5.1 Médiun espírita

O médium espírita é todo aquele que recebeu orientação e formação doutrinária de acordo com os livros básicos do Espiritismo, com ênfase em *O Livro dos Médiuns*, e que segue no exercício de sua mediunidade dentro dos padrões éticos e morais, de segurança e finalidade, ensinados pelo Espiritismo.

5.2 Formação do médium espírita

A formação do médium espírita passa pelo estudo das obras básicas do Espiritismo, além de um estudo seqüenciado, regular e mais aprofundado dos aspectos da mediunidade, mais daquelas obras subsidiárias e complementares que possam dar-lhe maior conhecimento e domínio de suas faculdades. O médium espírita deve conhecer os aspectos teóricos que envolvem sua própria mediunidade, e exercê-la acertadamente.

5.3 Educar ou "desenvolver" a mediunidade?

Durante décadas se usou a palavra *desenvolver* no sentido de *educar* a mediunidade. Hoje, a tendência geral parece ser o uso da palavra **educar**, pois quem tem mediunidade deve aprender a usá-la adequadamente, e a palavra *desenvolver* possui um sentido menos preciso. Através do estudo e da prática, o médium espírita educa-se para a atividade mediúnica.

6 - Surgimento e desaparecimento (ou suspensão) da mediunidade

A mediunidade pode despontar em qualquer época da vida, em qualquer idade, independentemente de sexo ou condições de saúde. Da mesma forma, pode sofrer interrupções, oscilações, mudanças e, excepcionalmente, o desaparecimento. As causas dessas situações são inúmeras, e a maioria delas são de conhecimento exclusivo da Espiritualidade Maior.

Dentro das causas terrenas, encontra-se o mau uso das faculdades anímico-mediúnicas, com danos consideráveis para a pessoa e para a comunidade.

6.1 Quando e como a mediunidade pode manifestar-se?

Quando? Em qualquer época da vida e sob qualquer circunstância, como já o dissemos. Como? Das maneiras mais inesperadas que se possa imaginar. Desde ruídos estranhos e movimentação de objetos, até a percepção de vultos. O surgimento e desaparecimento de sintomas físicos incomuns para a pessoa (tiques nervosos, p. ex.); sentimentos e pensamentos que lhe são totalmente desconhecidos; mudanças bruscas de humor e de comportamento.

Há uma infinidade de sintomas objetivos e subjetivos que levantam a possibilidade e que só um conhecedor do assunto pode avaliar com segurança. Não é incomum confundir-se sintomas pertinentes à medicina terrena, com manifestações anímico-mediúnicas. É prudente agir por um processo de exclusão: se as causas não forem circunstanciais e físicas, certamente serão de ordem espiritual ou mediúnica.

7 - Sessões práticas - existe um padrão?

Tem-se usado, acertadamente, o modo de realizar-se as sessões seguindo mais ou menos aqueles procedimentos usados por Allan Kardec, a seu tempo. É natural que esse referencial, e não exatamente "padrão", seja adaptado a cada caso, por vários motivos, dentre eles a finalidade da sessão e o nível de treinamento e experiência dos membros participantes, além das faculdades psíquicas disponíveis.

A sessão espírita deve ter finalidade nobre; deve ser composta por pessoas sérias e comprometidas com esses objetivos; bem preparadas no aspecto prático-teórico, para que as sessões se realizem com segurança e sejam produtivas.

Cabe lembrar que não existe realmente necessidade de realizar-se as reuniões mediúnicas sempre à noite. Isso ocorre por conveniência de horário, já que muitos trabalham ou têm suas principais atividades durante o dia. Para os Espíritos desencarnados que compartilham das reuniões, tanto faz o horário, desde que tudo seja previamente organizado e seguido.

Alguns tipos de sessões, como as de materialização (que comportam efeitos físicos), podem exigir obscuridade, e condições atmosféricas (umidade, p. ex.) mais próprias do horário noturno. Entretanto, muitos pesquisadores realizaram suas sessões durante o dia, adaptando artificialmente o ambiente ao objetivo da sessão.

7.1 A finalidade das sessões

Antes de dar-se início às atividades mediúnicas, é importante definir seus objetivos, para que os Espíritos sintonizados com tal ou qual finalidade se apresentem. Isso normalmente ocorre durante o período de preparação da equipe. Aos poucos se definem os objetivos adequados e mais ao alcance dos membros daquele grupo, especificamente.

7.2 Sessões espíritas

As sessões espíritas acontecem, em muitos centros espíritas, diante do público. Acontece um pouco de tudo: o atendimento aos desencarnados enfermos, a cura de males do corpo, o aconselhamento, as instruções comuns por via psicográfica ou psicofônica etc.

7.3 Sessões de desobsessão

Essa é uma reunião com finalidade muito específica e que, por isso mesmo, deve ser privativa. A equipe atende a desencarnados com a mente em desalinho, a problemas de ordem espiritual que atingem encarnados, ao dismantelamento de grupos que desenvolvem verdadeiras atividades de banditismo extrafísico, auxilia equipes socorristas do Mundo Espiritual no resgate de desencarnados em sofrimento, oferece suas próprias energias psicofísicas para a recuperação de danos perispirituais em desencarnados trazidos à sessão, atende a suicidas e vítimas de acidentes etc. Há quem sugira que essas situações dolorosas devem ser mantidas longe dos curiosos e despreparados.

7.4 Reuniões de tratamento (ou "de cura")

São muitas as agremiações espíritas que têm esse tipo de reunião. Dela participam amigos desencarnados que se dedicam à recuperação da saúde de quem ainda se encontra na vida material. É uma das reuniões mais conhecidas do grande público, e os centros são muito procurados em função de seus benefícios.

É nesse tipo de reunião que mais podemos encontrar a mistificação, muitos encarnados despreparados para tal tarefa socorrista, e é nela que eventualmente encontramos desvios doutrinários e pessoas agindo sem conhecimento das leis terrenas no que diz respeito ao que pode ser interpretado como prática ilegal de medicina. Situações que podem trazer aborrecimentos de vários tipos para os envolvidos.

7.5 Sincretismos

Como já nos referimos em outras ocasiões, o Brasil é um país mestiço. Desse caldo sócio-cultural é compreensível que nasçam diversas formas de se conduzir as práticas doutrinárias, sem que isso signifique, necessariamente, que esteja ocorrendo uma quebra das diretrizes básicas da Doutrina Espírita.

O sincretismo religioso pode acontecer em graus diversos, desde a simples adoção de práticas superficiais, anímicas, que não alteram o teor espírita, até as modificações evidentes, com a incorporação de princípios que fazem daquela prática algo bem distante do Espiritismo, tal como se encontra nas obras fundamentais.

Essas situações podem ser revertidas ou não, dependendo da vontade do grupo e de suas lideranças. A experiência mostra que, na maioria dos casos, o sincretismo ocorre por ignorância acerca das bases doutrinárias espíritas, e não por má-fé.

Entretanto, não se justificam preconceitos e discriminações. Toda pessoa deve ser estimulada a compreender a Doutrina Espírita - como a qualquer outra coisa - a partir de seu universo ideológico, que também está em permanente mudança, e pô-la em prática sem contradições com os princípios fundamentais.

8 - O dirigente de reuniões mediúnicas

O dirigente das sessões deve ser uma pessoa com boa formação doutrinária e que goze de respeito moral por parte dos demais membros da equipe. Sendo um servidor que orienta as atividades do grupo, deve ser portador de conduta e caráter compatíveis com a função.

Se for médium ostensivo pode ter sua capacidade de avaliação, análise e observação, beneficiadas pelas suas próprias percepções. Mas, esta não é uma condição essencial. É importante que seja aceito por todos da equipe (veja *Diálogo com as sombras*, de Hermínio C. Miranda).

8.1 O perfil ideal do dirigente

O dirigente da sessão deve ser uma pessoa sensível ao modo de ser alheio; um portador da chamada *empatia*. Sabendo que lida com situações em geral associadas ao sofrimento, deve ser compreensivo, claro nas explicações e saber dosar as informações em cada caso, além de respeitar o outro (encarnado ou não).

Dirigentes com um perfil de caráter autoritário, ortodoxo, inflexível, intolerante ou dado a divagações teóricas, intransigente ou excêntrico, em geral não obtêm bons resultados no seu trabalho.

Os centros espíritas devem formar dirigentes que reunam em si todas as qualidades desejáveis ao exercício dessa tarefa tão difícil quanto delicada.

8.2 Confiança e segurança

O bom dirigente de reuniões mediúnicas, sejam de estudos ou de atendimento a desencarnados enfermos, inspira *confiança e segurança*. Essas duas qualidades são consideradas *essenciais* para um bom resultado na área mediúnica.

Além de ser um bom conhecedor da Doutrina Espírita, o dirigente deve passar confiança e segurança aos participantes das sessões.

9 - Os médiuns de "sustentação vibratória"

Essa expressão qualifica aqueles que estariam encarregados de manter o ambiente vibratório em equilíbrio, harmonizado, seja através da oração, seja através da criação de paisagens mentais adequadas e da elevação dos sentimentos, especialmente nos momentos difíceis de uma sessão.

Seriam como "âncoras" da reunião, garantindo uma estabilidade mínima durante as freqüentes oscilações vibratórias, tão comuns nas sessões.

Porém, cabe aqui ressaltar que todos os participantes devem, naturalmente, manter o ambiente elevado pelas preces e pelos bons sentimentos. Portanto, consideramos que todos, sem exceção, devem assumir participação igualmente ativa nas atividades mediúnicas.

10 - O número de membros na reunião de desobsessão

A experiência e algumas referências bibliográficas sinalizam na direção dos dez a doze membros por equipe, no máximo. Um número de participantes muito grande dificulta o aspecto organizacional terreno.

11 - Quem pode e quem não deve participar das sessões práticas

Todos aqueles que têm boa formação doutrinária e, digamos, gosto e interesse para esse tipo de atividade podem participar. Além disso, é conveniente que sejam pessoas já com alguma experiência nas atividades espíritas, dotadas de razoável equilíbrio psíquico e emocional, além de autocontrole.

11.1 *Visitantes*

A participação de visitantes deve ser facilitada e estimulada para que a reunião assuma os contornos de reunião educativa e preparatória, desde que o visitante tenha suficiente conhecimento e preparo. Cabe, naturalmente, à própria equipe estabelecer ou não critérios para a participação dos visitantes.

11.2 *Reuniões secretas ou privativas?*

As reuniões mediúnicas não são secretas, mas podem ser privativas, por razões de segurança e melhor aproveitamento desse tipo de atividade. São, por sua natureza e finalidade, adequadas àqueles com um bom preparo ético e doutrinário.

11.3 *Alimentação - a questão da carne*

O uso moderado da carne na alimentação não constitui impedimento para a participação, embora seja recomendável que não a utilizemos nos dias das sessões. Pior que um bife no almoço é uma explosão de cólera ou um sentimento de vingança.

11.4 *Uso de bebidas alcoólicas e tabagismo*

Deve-se recomendar ao candidato a *médium espírita*, o abandono de ambos, primeiramente em favor de si mesmo. O médium espírita deve vencer esses vícios pelas influências espirituais nefastas a que fica sujeito. Para isso, deve ser auxiliado pelos companheiros de trabalho, principalmente quando o uso do tabaco ou do álcool já existir de longa data.

Achamos desnecessário nos alongar no caso de viciados, já dominados pela compulsão do uso imoderado do fumo e do álcool, pois sua presença nas sessões mediúnicas é formalmente desaconselhada por motivos óbvios.

11.5 *Uso de medicação*

Em princípio, o uso de medicamentos sob acompanhamento médico não constitui impedimento à participação nas reuniões mediúnicas de qualquer natureza, mesmo que implique alguma limitação à pessoa.

11.5.1 *Calmanes e ansiolíticos*

O uso de calmantes e ansiolíticos, quando sob indicação médica e em doses baixas, também não constitui impedimento à presença e participação regular da pessoa. Doses altas podem produzir sonolência e alterações nas capacidades de percepção do membro da equipe. A ação dessa classe de medicamentos se restringe praticamente ao sistema límbico, emocional, do participante.

11.5.2 *Antidrepressivos e psicotrópicos em geral*

Toda droga ou medicação que possui ação no psiquismo do médium, do dirigente ou de algum outro participante, apresenta um quadro que deve ser avaliado com especial cuidado. Essa classe de drogas pode alterar as capacidades cognitivas da pessoa durante seu uso.

A memória, a capacidade de julgamento, o senso (auto)crítico, a capacidade de apreender e outras funções da mente (e do Espírito) podem ficar afetadas temporariamente, ou apenas durante o efeito desse tipo de medicação.

Se consultado, é prudente que o dirigente aborde o assunto com naturalidade e respeito, mostrando a conveniência do afastamento temporário da pessoa e sua participação em outra área de trabalho.

12 - Participantes enfermos

A conveniência da participação ou não de *visitantes* enfermos deve ser avaliada pela equipe. Nos casos mais graves, pode ser mais aconselhável, e até mais cômodo para o enfermo, seu atendimento na sua residência, até que melhore. Nos casos mais simples, a participação do enfermo não constitui problema.

Apenas a reunião de desobsessão deve ser desaconselhada para o *visitante* que não se encontra bem, física ou espiritualmente.

13 - Médiuns - mais mulheres que homens: porquê?

Muito já se comentou sobre o número maior de mulheres que de homens nas sessões. A causa primordial pode ser proveniente da constituição biopsíquica da mulher. Sabemos que o Espírito, em essência,

não tem sexo. Apesar disso, as repetidas reencarnações na condição de homem ou de mulher, vinca o psiquismo do ser de tal modo que ele acaba assumindo características duradouras e marcantes, de uma ou outra conformação morfológica. Isso aparece em sua constituição física e perispiritual, psicológica e comportamental.

13.1 - *A psicologia feminina*

As características psicoemocionais da mulher, sejam elas instintivas ou culturais (ou ambas), com fortes apelos ligados aos sentimentos típicos da maternidade, talvez pesem nessa questão. Esse é um assunto ainda aberto.

Seria imprudente tentar estabelecer uma fronteira entre o que se considera instintivo e o cultural, entre a posição evolutiva da mulher e dos homens em geral, entre o que é resultante da tradição e dos costumes, e o que é realmente próprio do ente que se apresenta na condição feminina.

13.2 - *A fisiologia feminina*

Estudos demonstram que a constituição física feminina possui uma rede nervosa maior que a masculina. Isso lhe dá maior sensibilidade geral. Lembremos ao leitor que o sistema nervoso é uma espécie de contraparte material do perispírito.

Isso pode estabelecer algumas diferenciações com relação à mulher-médium (para certos tipos de faculdades mediúnicas), desde o tempo de "incorporação", por exemplo, até a capacidade de absorção de energias de teor vibratório inferior. (veja *Nas fronteiras da loucura*, de Divaldo P. Franco/Manoel P. de Miranda-Espírito).

14 - Obsessão

A influência negativa e passageira, a qual toda pessoa está sujeita, é diferente da obsessão propriamente dita, que é um assédio persistente de um ou vários Espíritos, com intenções de prejudicar a vítima por alguma razão. A obsessão é resultado de uma simbiose espiritual, podendo converter-se em verdadeira parasitose mental. É uma situação que sofre oscilações, indo e vindo, com períodos de maior ou menor intensidade e gravidade.

15 - Fascinação

O assédio contínuo de um Espírito moralmente pouco evoluído, e mesmo quando é o caso de um adversário desencarnado, pode levar um médium (ou uma pessoa qualquer) a um estado de excessiva autoconfiança, de convicção absoluta em si mesmo e nas suas capacidades.

Nesses casos, ele deixa de atender aos apelos da razão e do bom senso. Seu orgulho pessoal e vaidade o tornam presa fácil de seres desencarnados (eventualmente, também de encarnados), com o objetivo de afastá-lo do convívio dos outros.

Situação sempre muito difícil e que, muitas vezes, somente é revertida pelos revezes causados pelo sofrimento e pela dor. A parasitose espiritual torna-se um verdadeiro controle dos pensamentos e sentimentos de um médium, ou de todo os membros de certos grupos de desobsessão.

16 - Subjugação

A subjugação (ou possessão) é o caso extremo de controle de um ou mais Espíritos sobre um encarnado. Seus pensamentos, suas emoções e até seus movimentos são o reflexo da vontade desses dominadores. É a perda temporária de si mesmo. O descontrole da mente e do corpo.

Uma situação que sempre exige um tratamento adequado, para uma recuperação normalmente lenta. Obsessor(es) e vítima devem ser atendidos simultaneamente, tendo em vista a recuperação dos envolvidos.

17 - Assistência espiritual à distância

Em muitos casos, o atendimento aos enfermos e sofredores, encarnados ou não, pode ser feito à distância, sem prejuízo dos resultados. Há sempre equipes socorristas compostas por desencarnados ligados a essa atividade, e que prestam precioso auxílio no tratamento.

A oração e a mentalização do caso servem de "endereço vibratório", para onde fluirão as correntes de pensamento, carregadas de energias salutares. Se através do pensamento podemos definir a direção das vibrações, é através do sentimento elevado que podemos dar-lhe a qualidade energética recuperadora.

18 - Afastamento da reunião mediúnica

São muitas as situações que podem levar ao afastamento, temporário ou definitivo, das reuniões mediúnicas. Desde a perda de motivação e interesse, até a mudança de residência para um local onde tal atividade inexistente.

É exagero dizer-se que o afastamento de uma reunião mediúnica, por si só, consiste na interrupção de uma "missão" ou de um "compromisso" espiritual. Nem sempre.

São também causas comuns: a idade avançada, a fragilidade da saúde, incompatibilidade de horários, questões familiares ou profissionais, doenças, gravidez, mudança de atividades por necessidade ou preferência etc.

18.1 *Conseqüências*

Para as pessoas com boas condições espirituais e que desenvolviam essas tarefas pelo prazer e desejo de auxiliar, o afastamento não traz nenhuma conseqüência negativa. Essas pessoas serão sempre úteis em qualquer setor da casa espírita, como em outros lugares em que passe a colaborar.

Para aquelas em fase de recuperação moral e espiritual, e nas quais o exercício regular da mediunidade é fator de ajuste e equilíbrio para consigo mesmas, e para com seres que lhes são afins, ou que a elas se ligam, podem surgir problemas, como os citados nos itens 3.1 e seguintes.

19 - A participação dos Espíritos

Uma reunião mediúnica sem a participação de desencarnados ficaria descaracterizada como tal, e passaria a ser uma reunião comum, como qualquer outra da vida de relação. Isto é virtualmente impossível, pois onde existem encarnados envolvidos em qualquer atividade, com certeza desencarnados que lhes são afins estarão presentes, compartilhando de tudo.

19.1 *Mais evoluídos*

É do conhecimento daqueles que se dedicam a um estudo sério da Doutrina Espírita que os afins se atraem. Os Espíritos superiores, tanto do ponto de vista moral quanto intelectual, não participam de reuniões frívolas, simplesmente porque não teriam o que fazer nessas sessões.

Ocupam-se com coisas mais sérias, e participam dos grupos em que há seriedade nos propósitos. Pode-se avaliar o nível espiritual dos desencarnados participantes de uma reunião, a partir da condição moral dos encarnados que a compõem.

É bom lembrar: muitas vezes, é num centro simples, com pessoas simples, que comparecem seres superiores. Onde há humildade e sinceridade nas intenções, eles comparecem para auxiliar e, certamente, não será a aparência material da instituição, nem a origem social dos participantes que decidirão pela presença ou não de seres de maior envergadura intelecto-moral.

19.2 *Pouco adiantados moral e intelectualmente*

Numa reunião mediúnica pouco séria, sem propósitos claros, sem direção consistente, é natural que compareçam Espíritos da mesma natureza e com os mesmos interesses. Às vezes, simplesmente querem passar o tempo ou divertirem-se, mistificando.

19.3 *A presença de desencarnados que foram escravos, nativos ou mestiços (caboclos)*

É muito comum em nosso país a presença, nas sessões, de Espíritos que foram escravos, índios etc., em encarnações passadas. Afastada a hipótese de mistificação, isso não representa problema e menos ainda que a reunião seja improdutiva.

São muitos os Espíritos com bom nível evolutivo que preferem apresentar-se de modo simples, embora possam assumir a conformação perispiritual de uma encarnação em que tiveram outra aparência.

Excluir das sessões a presença de negros, índios, mestiços ou estrangeiros, é uma atitude preconceituosa e discriminadora injustificável, além de ser uma demonstração clara de que não se entendeu corretamente os ensinamentos espíritas. Os Espíritos devem ser julgados pela qualidade dos conselhos e ensinamentos que transmitem, pelo conteúdo e não pela forma da linguagem.

Se Allan Kardec teve a presença de determinada categoria de Espíritos em suas reuniões, é porque eram seus conhecidos de algum modo e ligados aos propósitos do codificador do Espiritismo. É preciso evitar o suposto *padrão* francês e europeu em nossas práticas mediúnicas.

19.4 *O Brasil mestiço*

Justamente por sermos um povo mestiço, caboclo, em sua formação sócio-cultural, devemos evitar o eurocentrismo em nossas práticas espíritas. Temos nossas particularidades, e o referencial espírita para as atividades de intercâmbio espiritual é *O Livro dos Médiuns*, cujas orientações devem ser adaptadas à nossa realidade, de modo a termos reuniões bem sucedidas.

20 - Mediunidade - entre a teoria e a prática

A área mediúnica, especialmente, exige experiência para que se opine sobre o assunto, com um mínimo de propriedade.

Os estudiosos de gabinete, sem experiência mais prolongada ou vocação para essa área de atividades, fazem melhor apenas repassando os ensinamentos espíritas a respeito, sem acréscimos ou opiniões.

Aqueles com experiência no assunto, sabem que cada médium tem suas particularidades, que cada equipe e reunião possui características próprias, e que cada sessão é única e jamais se repete, dentro dos mesmos moldes. A sala das sessões pode ser a mesma, são os mesmos os participantes, mas as circunstâncias nunca são idênticas.

21 - A criação de uma sessão prática

Nota-se, pela literatura existente e pelos relatos pessoais, que existem vários caminhos que podem levar à formação de uma equipe para o intercâmbio mediúnico. Desde as manifestações espontâneas ocorridas em pequenos encontros, até à formação deliberada em instituição espírita por sugestão de amigos desencarnados ou proposta pelos dirigentes encarnados.

Considerando esses aspectos, seria um despropósito estabelecer regras rígidas e desconsiderar os inúmeros processos e possibilidades para essa e para outras atividades da vida humana. No entanto, eis algumas considerações gerais para apreciação do leitor:

21.1 O tempo de preparação da equipe e a formação doutrinária

A experiência vem demonstrando que o tempo médio de preparação e formação doutrinária de uma equipe está entre um e dois anos. Se nesse tempo não se consolidarem os requisitos necessários à formação do grupo (conhecimento específico, algum exercício prático e indícios seguros da intervenção dos Espíritos), pode ser que seja melhor não dar continuidade a essa atividade.

21.2 A inclusão de novos médiuns

Toda equipe bem estruturada tem como prática corriqueira, a preparação de novos membros. A própria equipe espiritual participa desse processo, auxiliando na composição e renovação do pessoal ligado a essa atividade.

Nem todo candidato se dá bem com um certo grupo por várias razões. Por esse motivo é sempre uma tarefa delicada e que exige cuidado e tempo para adaptação. Alguns grupos estabelecem um período de convivência recíproca, pois tanto a equipe pode não assimilar bem o novo componente, quanto este pode não sentir-se à vontade na nova equipe.

21.3 A exclusão de médiuns e membros da equipe

O afastamento (temporário ou definitivo) de um membro da equipe pode ocorrer por várias razões: ausência reiterada e não justificada, processos obsessivos graves, doenças impeditivas, velhice, desavenças entre membros da equipe, dificuldade para lidar com o sofrimento alheio, falta de autocontrole psicoemocional mínimo, incapacidade de situar-se, disciplinadamente, na sua função etc.

As situações que podem levar ao afastamento de um membro devem ser expostas ao candidato, antes mesmo que ele comece a participar, para que possa avaliar suas condições. Às vezes, uma pessoa pode participar apenas uma ou duas vezes por mês. Uma situação desse tipo pode acontecer, sem dúvida, mas preferencialmente em caráter excepcional. A reunião mediúnica, qualquer que seja sua natureza e finalidade, exige alguma disponibilidade e muita disciplina.

21.4 A extinção de uma reunião mediúnica

Eventualmente, pode-se extinguir uma reunião mediúnica. Isto se dá por várias razões, dentre elas: afastamento de membros até ao ponto de inviabilizar o prosseguimento das atividades, desavenças e divergências contínuas entre os membros, falta de efetiva liderança, falta de médiuns capacitados para o trabalho, problemas de relacionamento entre dirigente(s) e participantes, por determinação da Diretoria da

casa espírita (casos extremos e que exigem cuidadosa avaliação), reuniões improdutivas, indisciplina dos membros da equipe etc.

Todos esses casos merecem uma avaliação criteriosa por parte dos membros da reunião e da direção da casa, para que não se repitam. Os problemas que tornam inviável uma reunião mediúnica, podem ter suas raízes tanto em questões de ordem pessoal, quanto espiritual. Muitas vezes, as duas coisas concorrem para o fim de uma reunião.

22 - O porquê do trabalho em equipe

O trabalho em equipe, qualquer que seja a atividade, é sempre mais fácil, seguro e traz resultados melhores do que aqueles que são feitos individualmente. Principalmente tratando-se de reuniões mediúnicas, é uma orientação da Doutrina Espírita que sejam realizadas por grupos pequenos, sintonizados com um mesmo ideal, os mesmos propósitos e finalidades, e irmanados pelos laços de mútua confiança e afetividade.

22.1 Reuniões produtivas

Pelos frutos se conhece a árvore. Esse é um ensinamento evangélico que se aplica em várias circunstâncias da vida, inclusive nas reuniões de intercâmbio espiritual.

Quando uma reunião está trazendo benefícios, mesmo que mínimos: a) aos participantes pela oportunidade de servirem, b) aos assistidos, encarnados e desencarnados, pelo consolo e esclarecimento que recebem, c) aos amigos espirituais pelas possibilidades de manifestarem-se aos que ainda estagiam na carne, provando a imortalidade da alma e o prosseguimento da vida; certamente, essa reunião inclui-se na categoria das reuniões produtivas; uma árvore que dá bons frutos.

Pode ser que determinada árvore não dê, ainda, os frutos que outros desejam e esperam, pois pode não estar suficientemente crescida, pode ser que o solo não tenha sido devidamente preparado, ou que a terra é realmente imprópria.

Ainda assim, se essa "árvore" consegue dar alguns frutos de boa qualidade, deve ser tratada com carinho e cuidado, regada e auxiliada em seu crescimento, até que possa dar os seus melhores frutos.

22.2 Segurança individual e coletiva

O trabalho em equipe, sob uma boa assistência e direção tanto terrena quanto espiritual traz, sempre, segurança para cada membro e para o conjunto. Esta segurança é fundamental para todos, mas principalmente para os médiuns ostensivos, - psicofônicos especialmente, devido à entrega que fazem de si mesmos aos apelos vibratórios de amigos espirituais e de desencarnados enfermos.

É comum certos médiuns afastarem-se das reuniões alegando falta de segurança e confiança na equipe e, principalmente, no dirigente, em certos casos por razões justas. Quando isso ocorre, eles perdem a confiança em si mesmos, são os primeiros a duvidar da própria mediunidade, e pode acontecer de caírem na descrença quanto ao valor da mediunidade e do próprio Espiritismo.

Tal situação pode contagiar outros membros da equipe, levando até ao desmantelamento da reunião, ou à perda de sua eficácia.

23 - Questões anímicas e mediúnicas

Tudo que é próprio do médium, como Espírito encarnado, é anímico, como tudo que lhe chega pelas faculdades psíquicas de comunicação com o mundo dos Espíritos desencarnados, refere-se à mediunidade propriamente dita. Como uma coisa não existe sem a outra, todo fenômeno é, a rigor, anímico-mediúnico, pois é o ser encarnado (Alma) que coloca-se em intercâmbio voluntário ou não com os desencarnados.

Cabe lembrar que certas faculdades, como a psicometria, a vidência e a telepatia, podem independe da intervenção de Espíritos, sendo faculdades anímicas. A psicofonia, a psicografia e os efeitos físicos dependem dessa intervenção, sendo fenômenos essencialmente mediúnicos.

Alguns autores encarnados e desencarnados distinguem a *inspiração*, como sendo fenômeno anímico, da *intuição*, fenômeno mediúnico, para maior clareza e precisão. Compartilhamos dessa posição metodológica.

23.1 Animismo

Infelizmente, ainda é comum apresentar-se o animismo como um problema, um entrave ao exercício da mediunidade (pode ser, em certos casos), tornando o médium uma pessoa permanentemente sob suspeita. Esse é um equívoco que pode levar um bom médium a inibir suas faculdades em função do medo do animismo.

O animismo é, antes de tudo, a participação voluntária ou não do médium na atividade mediúnica. Se é voluntária e com a finalidade de distorcer, simular ou interferir de modo negativo nas comunicações, fará dele um mistificador; se é involuntária e dentro dos parâmetros naturais da presença do ser encarnado, que é também médium, nada há a temer. A *alma* (Espírito encarnado) estará sempre presente, de um modo ou de outro, no intercâmbio entre os mundos físico e extrafísico.

24 - As manifestações são sempre anímico-mediúnicas

Pode-se afirmar que toda manifestação é anímico-mediúnica, pois não há possibilidade de haver o contato intermundos sem a intervenção mais ou menos consciente do médium. Sua presença ocorrerá de modo a facilitar ou prejudicar esse contato, mas não se faz sem ela.

Daí a importância da boa formação, da confiança nas próprias capacidades, do conhecimento de seus limites, da segurança que sente no dirigente terreno e no auxílio dos amigos espirituais, da confiança que tem nos outros membros da equipe encarnada, na segurança oferecida pelo conjunto etc.

25 - O passe espírita - existe um procedimento padrão?

O passe é um valioso recurso auxiliar tanto na terapêutica espírita, quanto na facilitação do transe mediúnico e no trato com os desencarnados, via médium.

Dizer que existe um "padrão" de procedimentos seria um despropósito. O passe é algo natural, é só nos lembrarmos de Jesus em suas curas. Mas, pode ser facilitado quando se conhecem as bases do fluxo magnético e seu melhor direcionamento.

Sabe-se que as energias fluem pelas pontas, daí o uso das mãos. Quanto a deduzir-se disso que há necessidade de determinados movimentos padronizados vai uma enorme distância.

A literatura espírita sugere alguns procedimentos mínimos. Há uma vasta literatura a respeito que pode ser consultada e os procedimentos básicos adaptados.

Lembramos, aqui, de passagem, que Léon Denis menciona o passe longitudinal como facilitador do transe e para o desdobramento provocado, e o passe transversal que facilitaria a retomada completa do corpo carnal por parte do Espírito "desdobrado", e para sair do transe mediúnico. Ainda é uma área de estudos e pesquisas totalmente aberta.

Considerações finais

Pode-se dizer que a mediunidade é o campo de pesquisa científica espírita, por excelência. Diante disso, permanece um vasto e afastado horizonte, para o qual nos encaminhamos devagar, descobrindo, pouco a pouco, facetas e aspectos novos das potencialidades do Espírito.

Todo escrito a respeito permanecerá, ainda por muito tempo, invariavelmente incompleto, pois há pouco mais de um século se iniciaram as pesquisas sérias acerca do assunto, afastando, tanto quanto possível, as lendas, superstições e preconceitos que sempre cercaram o fenômeno medianímico.

Este sumário não pretende esgotar um assunto dessa natureza, menos ainda abordar aspectos novos. É uma contribuição e um esforço para se entender o tema, tomando como referenciais a literatura, as opiniões e a experiência que, somadas àquelas de outros interessados que atuam na mesma área, pode levar a um entendimento melhor sobre o mais fascinante aspecto do ser imortal, pois trata justamente de suas potencialidades quando encarnado e depois de deixar o mundo material.

A mediunidade não é coisa nova, e os médiuns menos ainda. O textos antigos nos falam das sibilas, dos profetas, das pitonisas, dos oráculos, e também das bruxas, dos magos e feiticeiros, todos, de um modo ou de outro, ligados às manifestações anímicas e mediúnicas.

Ainda hoje o homem teme o "olho gordo", o "mau olhado" e o "quebranto", tanto quanto os "trabalhos" de magia, os efeitos danosos da inveja, dos sentimentos de vingança e ódio, sem entender corretamente sua relação direta ou indireta com a mediunidade.

Muitos procuram indivíduos que pretendem intermediar os favores dos imortais, fazer ou desfazer relacionamentos, trazer a paz ou a desdita para aqueles a quem amam ou odeiam, sem levar em conta fatores éticos, morais ou de conduta, de aspectos espirituais ou da malevolência alheia. É o homem em sua busca, um tanto inconsciente, da relação com o mundo invisível.

Indiscutivelmente, a paranormalidade faz parte do nosso dia-a-dia, independentemente de crença, raça, idade, sexo ou posição social. Muitos procuram a intercessão do Invisível, por isso tem sido tão fácil

tirar proveito das pessoas fragilizadas pelo sofrimento, em seus apelos aos *falsos profetas*, cada vez mais comuns.

Isso torna o estudo da mediunidade ainda mais importante. Tão importante quanto tornar esse conhecimento cada vez mais acessível ao homem comum, seja ele espírita ou não, para que não se envolva com seres ainda pouco adiantados, para que não seja explorado em sua boa-fé, e nem se torne joguete de forças e seres que não entende nem domina.

..... (Maio/2003)